

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO  
DE HISTÓRIA

Carlos Roberto de Castilho Rosa

**AS SOCIEDADES PRÉ-COLONIAIS NA FRONTEIRA BRASIL  
URUGUAI: UM OLHAR PARA ALÉM DO COLONIZADOR EUROPEU**

Santa Maria, RS  
2020



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

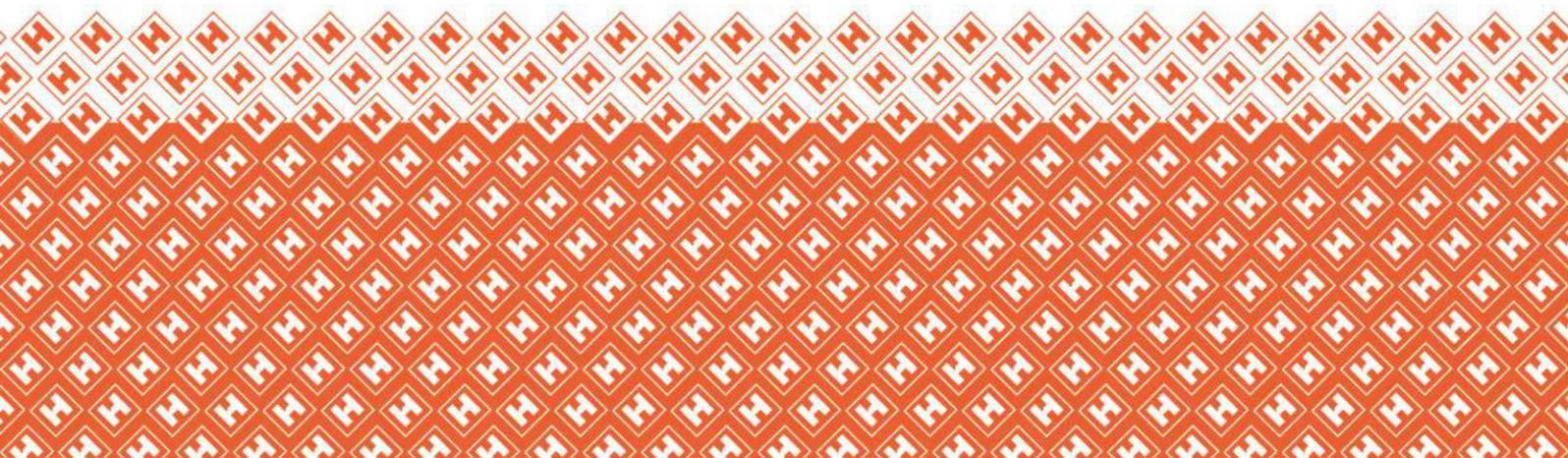
---

CARLOS ROBERTO DE CASTILHO ROSA

AS SOCIEDADES PRÉ-COLONIAIS NA  
FRONTEIRA BRASIL URUGUAI:  
UM OLHAR PARA ALÉM DO  
COLONIZADOR EUROPEU

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM

2020



**Carlos Roberto de Castilho Rosa**

**AS SOCIEDADES PRÉ-COLONIAIS NA FRONTEIRA BRASIL URUGUAI:  
UM OLHAR PARA ALÉM DO COLONIZADOR EUROPEU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal de Santa Maria (USFM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ensino de História**.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marta Rosa Borin

Santa Maria, RS

2020

Rosa, Carlos Roberto de Castilho  
AS SOCIEDADES PRÉ-COLONIAIS NA FRONTEIRA BRASIL  
URUGUAI: UM OLHAR PARA ALÉM DO COLONIZADOR EUROPEU /  
Carlos Roberto de Castilho Rosa.- 2020.  
115 p.; 30 cm

Orientadora: Marta Rosa Borin  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em  
História em Rede Nacional, RS, 2020

1. Ensino de História 2. Cultura Material 3.  
Sociedades Humanas Pretéritas I. Borin, Marta Rosa II.  
Título.

Carlos Roberto de Castilho Rosa

**AS SOCIEDADES PRÉ-COLONIAIS NA FRONTEIRA BRASIL URUGUAI:  
UM OLHAR PARA ALÉM DO COLONIZADOR EUROPEU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

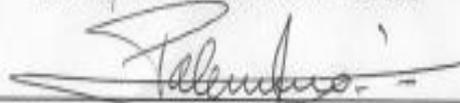
Aprovado em 15 de 07 de 2020

**BANCA EXAMINADORA**



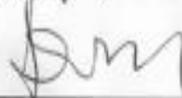
---

**Prof.ª Dr.ª Marta Rosa Borin - UFSM**



---

**Prof. Dr. Eduardo Ramon Palermo-Lopez Museu do Patrimônio Regional  
Rivera - Uy**



---

**Prof. Dr. José Iran Ribeiro - UFSM**

## AGRADECIMENTOS

*À Universidade Federal de Santa Maria, professores e técnicos administrativos pela contribuição em minha formação.*

*À minha orientadora, Professora Doutora Marta Rosa Borin, por todos os ensinamentos e abertura de caminhos, pela confiança que me depositou e pela amizade.*

*Aos meus Pais, Dirceu Araujo Rosa (in memoriam) e Sonia Terezinha de Castilho Rosa, por terem sido a base dando-me a educação que alicerçou o meu desenvolvimento até o presente.*

*Ao meu bisavô, Henrique Arnaldo de Castilho (in memoriam) educador, o qual foi minha inspiração mesmo sem ter convivido. Aos meus familiares, irmão, amigos que sempre me apoiaram e estiveram dispostos a ajudar com o que esteve ao seu alcance, em especial meu irmão Carlos Marcio.*

*Ao professor Doutor Eduardo Palermo, diretor do Museu do Patrimônio Regional de Rivera no Uruguai por ter disponibilizado seu tempo para responder perguntas e me orientar nas pesquisas no Uruguai.*

*Aos meus colegas do ProfHistória pela compreensão e pela força que sempre me deram.*

*Em especial a minha colega da escola Paulo Freire Fabiana Urquhart Duarte, pelo apoio e incentivo na construção do Caderno Didático do Professor.*

*Aos colegas professores da E.M.E.F. Paulo Freire e equipe diretiva que entenderam minhas ausências quando viajava para minhas aulas do mestrado.*

*Aos demais amigos, de infância e de hoje, de Santana do Livramento, Rio Grande do sul e do Brasil que de uma forma ou de outra foram fundamentais em minha trajetória até aqui.*

*“Hoje é apenas um furo no futuro  
por onde o passado começa a  
jorrar.*

*E eu aqui isolado onde nada é  
perdoado vejo o fim chamando o  
princípio para se encontrar.”*

*Raul Seixas e Marcelo Nova*

## RESUMO

### **AS SOCIEDADES PRÉ COLONIAIS NA FRONTEIRA BRASIL URUGUAI: UM OLHAR PARA ALÉM DO COLONIZADOR EUROPEU**

AUTOR: Carlos Roberto de Castilho Rosa

ORIENTADORA: Marta Rosa Borin

Esta dissertação visa uma reflexão acerca das sociedades pré coloniais as quais preexistiram na região de fronteira, Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai) a partir de artefatos da cultura material selecionados e expostos no Museu do Patrimônio Regional de Rivera no Uruguai utilizando a metodologia da Educação Patrimonial articulada ao ensino de história, buscando instrumentalizar os educandos do ensino básico, ensino fundamental a refletir acerca das sociedades pretéritas locais e envolve-los a construir seu entendimento acerca destas sociedades como históricas e seus agentes como sujeitos históricos. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica fundamentada por uma revisão de literatura na área do conhecimento para verificar o problema de pesquisa. Como resultado acredita-se que as sociedades pretéritas locais desenvolveram técnicas para produzir seus instrumentos os quais utilizavam com diferentes finalidades. Outro resultado seria vinculado a questão norteadora desta pesquisa acerca dos educandos os quais passaram a perceber as sociedades passadas como históricas. Enfim, conclui-se que as sociedades humanas pretéritas produziram seus instrumentos, artefatos líticos e cerâmicos, porém percebeu-se que os grupos humanos do passado tiveram diferentes estágios culturais, e quando mais longe do presente mais rudimentares eram seus artefatos, todavia, atendiam as expectativas para a sobrevivência desses grupos do passado.

**Palavras-chave:** Ensino de História, Cultura Material, Sociedades Humanas Pretéritas.

## ABSTRACT

### **THE PRE COLONIAL SOCIETIES IN BRAZIL AND URUGUAY BORDER: A VISION BEYOND EUROPEAN SETTLER**

AUTHOR: Carlos Roberto de Castilho Rosa

ADVISER: Marta Rosa Borin

This dissertation aims thinking on precolonial societies that lived border Santana do Livramento (Brazil) and Rivera (Uruguay) focusing artefacts from material culture selected and displayed at Museu do Patrimonial Regional de Rivera in Uruguay using the heritage education methodology articulated to history teaching, trying to enable students from basic education, fundamental teaching to approach local early human societies and involve these students to build an understanding on these past societies as historical and their agents as historical subject. The research is qualitative and bibliography based on bibliography review in the field of knowledge to verify the research question. As result, we can say that local early human societies developed techniques to make their tools and used them to different purposes. Another result is related to the research question of this study and the students realized the ancient societies as historical. In conclusion we can say that local past societies made their tools, lithic and ceramic artefacts, but we realized that early local human societies experienced different cultural stages, thus, the farther the artefacts were made more rudimentary they were, however these artefacts supplied the expectation of survival from these ancient human societies.

**Keywords:** History Teaching, Material Culture, Early Human Societies.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Localização de Santana do Livramento na área de abrangência do Bioma Pampa no Rio Grande do Sul .....	11
<b>Figura 2</b> - Divisão cronológica da pré-história do Uruguai conforme Daniel Vidart .....	32
<b>Figura 3</b> - Núcleos “discóides” identificados por Hilbert (1991) para os sítios da indústria Catalanense .....	34
<b>Figura 4</b> - Desenho com escala de artefatos da indústria <i>Cuareimense</i> , com seus respectivos rebatimentos .....	35
<b>Figura 5</b> - Tradições líticas do Uruguai .....	36
<b>Figura 6</b> - Esquema de traslado de matéria-prima entre os sítios logísticos do Rio Uruguai e dos sítios da RACNA .....	37
<b>Figura 7</b> - Mapa representativo das áreas de Cerrito .....	39
<b>Figura 8</b> - Área de dispersão da tradição Tupiguarani, Subtradição Corrugada .....	45
<b>Figura 9</b> - Exemplar da indústria lítica catalanenese raspador retocado .....	48
<b>Figura 10</b> - Exemplar de um rompe cabeças dos caçadores coletores especializados .....	49
<b>Figura 11</b> - Exemplar de bolas de boleadeiras dos caçadores coletores .....	49
<b>Figura 12</b> - Exemplar de quebra coco dos caçadores coletores especializados .....	50
<b>Figura 13</b> - Exemplar de morteiro, almofariz e pilão dos caçadores coletores especializados .....	50
<b>Figura 14</b> - Fragmento de cerâmica estilo corrugada .....	51
<b>Figura 15</b> - Fragmento de cerâmica estilo unglada .....	51
<b>Figura 16</b> - Raspador e Rompe Cabeças, respectivamente .....	61
<b>Figura 17</b> - Almofariz e Pilão .....	62
<b>Figura 18</b> - Bolas de boleadeiras .....	62
<b>Figura 19</b> - Conjunto de artefatos líticos .....	63

## ÍNDICE

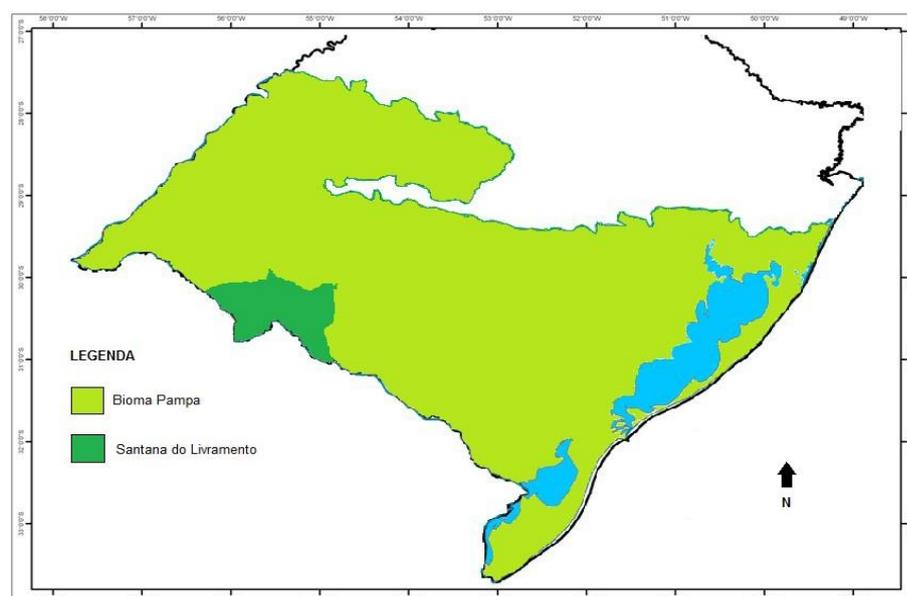
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 ABORDAGEM QUALITATIVA DA PESQUISA .....</b>	<b>20</b>
1.1.1 Escola Municipal de Educação Fundamental Paulo Freire .....	23
1.1.1.2 A turma - 6º Ano .....	24
1.2 ENSINO DE HISTÓRIA E AS SOCIEDADES PRETÉRITAS .....	24
<b>2 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DO ESTUDO .....</b>	<b>31</b>
2.1 AS SOCIEDADES HUMANAS E A OCUPAÇÃO DO BIOMA PAMPA .....	31
2.2 A INDÚSTRIA CATALANENSE .....	33
2.3 A INDÚSTRIA CUAREIMENSE .....	34
2.4 CAÇADORES COLETORES ESPECIALIZADOS OU SUPERIORES .....	37
2.5 CAÇADORES COLETORES DA TRADIÇÃO UMBU E HUMAITÁ, NO RIO GRANDE DO SUL .....	40
2.6 A INDÚSTRIA CERÂMICA NO URUGUAI .....	44
<b>3 DESCRIÇÃO DOS ARTEFATOS LÍTICOS SELECIONADOS PARA O PRODUTO DESTE ESTUDO .....</b>	<b>47</b>
3.1 A TECNOLOGIA E SUA IMPORTÂNCIA NAS SOCIEDADES PRETÉRITAS NA REGIÃO DA PESQUISA .....	52
<b>4 PRODUTO: PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS HISTÓRICAS PRODUZIDAS NAS OFICINAS SOBRE A PRÉ-HISTÓRIA .....</b>	<b>57</b>
4.1 A VISITA AO MUSEU DO PATRIMÔNIO REGIONAL DE RIVERA .....	59
4.2 RÉPLICAS DE ARTEFATOS LÍTICOS PRODUZIDOS PELOS EDUCANDOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA E.M.E.F PAULO FREIRE .....	61
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>67</b>
<b>APÊNDICE A - CADERNO DIDÁTICO DO PROFESSOR .....</b>	<b>73</b>

## INTRODUÇÃO

O meu interesse neste estudo, pode-se dizer, surgiu através de inquietações acerca da abordagem da história do município de Santana do Livramento (RS), acerca das sociedades pré-coloniais que habitaram esta região antes da ocupação pelos colonizadores portugueses e espanhóis, partindo-se do pressuposto de que os educandos pouco conhecem a história local deste período. Sendo assim, torna-se interessante estimular entre estes um olhar crítico para o espaço local e seus antigos habitantes, negligenciados em detrimento da história construída pelos colonizadores brancos europeus.

Nesse sentido, busco refletir acerca das sociedades pré-coloniais da região meridional do Brasil, na fronteira entre o Brasil e Uruguai, no município de Santana do Livramento (Figura 1), desde as primeiras evidências da presença humana no Bioma Pampa até a chegada dos colonizadores europeus. Esta proposta visa a compreensão histórica, por meio da interpretação das narrativas que podem estar contidas nos artefatos produzidos pelas sociedades pretéritas, por meio dos seus significados, com vistas à produção de réplicas dos artefatos líticos e cerâmicos.

Figura 1 - Localização de Santana do Livramento na área de abrangência do Bioma Pampa no Rio Grande do Sul.



A ocupação humana no Pampa, provavelmente, teve início no Pleistoceno, em aproximadamente 12.000 anos antes do presente (AP) (KERN, *apud* BELLANCA & SUERTEGARAY, 2003; CONSENS, 2009). Cruz e Guadagnin (2010), mencionam que embora exista incerteza ao período temporal da chegada dos primeiros grupos humanos no atual Bioma Pampa, pode-se considerar esta data de chegada na transição do Pleistoceno para o Holoceno. Conforme Klein (2012), desde o instante em que ingressaram as primeiras coletividades humanas no Pampa, as condições climáticas influíram, bem como os recursos naturais disponíveis, para esses grupos humanos atenderem as suas necessidades de sobrevivência.

Conforme Silva (2017) e Palermo (1999), dentre os grupos humanos, os mais pretéritos que circulavam na região, foram os pertencentes a cultura catalanense, que habitaram as margens do Arroio Catalán Chico, no Noroeste do Uruguai e no Sudoeste do Rio Grande do Sul. Salienta-se, de acordo com Silva (2017), que no Uruguai as pesquisas foram mais detalhadas em relação ao Brasil, as quais, neste último, foram pontuais na descrição da cultura material encontrada. Nesse sentido, Palermo (2001) considera o departamento de Rivera, Uruguai, como provável território de circulação destes grupos ou coletividades humanas. Palermo (2001) ainda evidencia as descobertas arqueológicas na região da Cochilha Negra, interior do município de Santana do Livramento, podendo ser comparadas às evidências da cultura material catalanense, devido às características tipológicas dos artefatos líticos.

Dessa forma, esta pesquisa também dialoga com os estudos<sup>1</sup> da pesquisadora Luana da Silva de Souza (2018), que se utiliza dos vestígios líticos da região de Uruguaiana (RS) para refletir a cultura material lítica e a sensibilização com estes artefatos, dialogando com a sua materialidade, questionando outro tempo, quando os grupos humanos e sociedades antigas produziram e manipularam tais artefatos. Além disso, muitos dos materiais líticos da pesquisa da referida autora são semelhantes aos compartilhados pelas sociedades pré-coloniais que viveram na região do meu estudo. Outro autor, Bruno Gato da Silva<sup>2</sup> (2017), trabalha com a cultura material lítica e as tecnologias, cujos estudos também possibilitaram um diálogo com os conceitos, tipologias e tecnologias que contribuíram com o desenvolvimento e melhor compreensão do objeto da minha pesquisa.

---

<sup>1</sup> SOUZA, Luana da Silva. **Um estudo sobre a memória técnica de grupos humanos do holoceno, por meio da variabilidade técnica da cultura lítica, dos sítios arqueológicos castração e usina localizados em Uruguaiana, RS.** 2018. 148 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Maria. 2018.

<sup>2</sup> SILVA, Bruno Gato. **Os sistemas de debitagem e a produção de suportes predeterminados no sítio pré-histórico Areal.** 2017. 196 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pelotas. 2017.

Dessa forma, penso ser adequado trabalhar, através da metodologia da Educação Patrimonial, a cultura material, utilizando os acervos museais disponíveis nestes lugares de memória. Os artefatos arqueológicos líticos, cerâmicos, integram uma reflexão acerca da história local, os quais pertenceram a outras sociedades que preexistiram no Bioma Pampa, na região de Santana do Livramento. Assim, busca-se instrumentalizar os educandos da Educação Básica, Ensino Fundamental, para desenvolver o pensamento histórico, no intuito de compreender as contribuições destas sociedades pretéritas e sua historicidade.

Outro motivo, que justifica minha proposta, é o fato de que os materiais didáticos, como, por exemplo, os livros, disponíveis nas escolas da cidade de Santana do Livramento, não abordarem informações acerca desta temática. Na maioria das vezes, as referências são somente sobre os primeiros contatos com o homem branco europeu, ou seja, a ocupação indígena no momento da chegada dos colonizadores, não dando conta à complexidade da ocupação da nossa região. Logo, os professores do município ficam limitados às produções dos memorialistas locais como fonte de informação sobre este tema.

Este estudo, vinculado à linha de pesquisa “Saberes Históricos em Diferentes Lugares de Memória” do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA, UFSM), possibilita pensar as sociedades pré-coloniais no Brasil meridional, na região de fronteira do município de Santana do Livramento, e a cidade de Rivera, Uruguai, de forma interpretativa, investigativa, através de uma leitura crítica dos objetos da cultura material de outras temporalidades expostos em espaços museais, analisando aspectos morfológicos, tecnológicos, e funcionais dos artefatos produzidos e manipulados pelas sociedades antigas.

De modo resumido, este estudo tende a evidenciar, por meio da percepção visual, sensitiva e narrativa o entendimento pelos educandos acerca dos povos pré-coloniais que ocupavam estas regiões do Pampa, refletindo suas práticas, costumes e relações sociais, mediados por um diálogo com os povos pré-coloniais, a partir de sua materialidade, ou seja, sua cultura material.

Nessa perspectiva, visando facilitar a compreensão dos educandos, pretendo organizar, como material de apoio, uma cartilha para o professor, abordando as sociedades pré coloniais da região do estudo e atividades para os educandos, como, por exemplo, uma oficina para confeccionar réplicas de artefatos líticos e cerâmicos em sala de aula, ou seja, os artefatos que caracterizam as sociedades pré-coloniais do estudo e outras atividades que visam estimular o conhecimento histórico, abrangendo temas que também englobam os povos indígenas e suas práticas culturais.

Este trabalho será realizado através da metodologia da Educação Patrimonial utilizando o espaço do Museu do Patrimônio Regional da cidade de Rivera (Uruguai), pois neste museu o acervo em exposição está devidamente catalogado, bem como grande parte da reserva técnica. Enquanto que no Museu Davi Canabarro, na cidade de Santana do Livramento, o acervo arqueológico pré-colonial, embora catalogado, encontra-se na reserva técnica, cujo acesso me foi negado.

O museu do Patrimônio Regional de Rivera foi fundado no dia 18 de julho de 1946, sendo que a primeira sede estava localizada na Rua Sarandi esquina com a Rua Lavalleja. O acervo era formado por materiais coletados por colecionadores da cidade. Após alguns anos, a sede foi transferida da Rua Sarandi para a Biblioteca Municipal, localizada na Rua General José Gervasio Artigas, passando a se chamar Museu Histórico.

Nesse novo espaço o acervo não comportava o amplo número de artefatos, a maior parte oriundo de doações, assim, seria necessário ampliar suas dependências. O museu foi transferido para um anexo (atual sede), reabrindo suas portas em 12 de abril de 1984. Nos anos de 1990, o museu permaneceu um período fechado sendo reaberto em 10 de julho de 1995, com a reorganização do acervo a partir de uma doação de artefatos indígenas pelo o Intendente de Rivera, em anos anteriores. A partir da nova gestão, o museu, antes conhecido por Museu Histórico, passou a ser chamado *Museu Municipal de História e Arqueologia*.

O *Museu Municipal de História e Arqueologia* funcionou junto ao Museu de Artes Plásticas e, nesse período, ampliou o acervo o qual tornou-se mais variado sendo composto de materiais arqueológicos líticos e cerâmicos, armas do período da Independência do Uruguai no século XIX, materiais ligados ao cotidiano da vida do gaúcho dos Pampas, materiais pertencentes às antigas famílias Riverenses, como, por exemplo, documentos, fotografias e objetos de uso pessoal de indivíduos que viveram no final dos séculos XIX e XX. O *Museu Municipal de História e Arqueologia*, funciona no anexo entre a Biblioteca e a Junta Departamental e, atualmente, é dirigido pelo professor Eduardo Palermo, Doutor em História.

Diante do exposto, o presente estudo foi organizado a partir da análise bibliográfica sobre a importância das sociedades pretéritas da região de estudo para o ensino da pré-história na Educação Básica, pois, conforme Oliveira (2007), a pesquisa bibliográfica se constitui num modelo de investigação de documentos científicos que tratam do tema proposto. Nesse caso, serão utilizados trabalhos científicos como: dissertações, artigos, periódicos, entre outros, com o objetivo de dialogar com os autores sobre o tema da dissertação, o ensino de história, a metodologia da Educação Patrimonial e a cultura material das sociedades antigas. Sendo assim, o recorte espaço-temporal que pretendo analisar são os grupos ou coletividades humanas que

habitavam o município de Santana do Livramento, RS antes da chegada e ocupação dos povos ibéricos na região denominada Pampa ou Campanha Gaúcha.

Em suma, este trabalho é uma proposta de abordagem do ensino de História e o tema da pesquisa com foco na cultura material, mantida, mais especificamente, em museus, tendendo a sensibilização dos alunos ao reconhecimento dos artefatos como patrimônio cultural arqueológico. Através dele, pretendo enfatizar as possibilidades dos objetos museais indígenas deste espaço, selecionados como potencial educativo para o ensino e aprendizagem na disciplina de História, como forma de leitura para compreender e interpretar as sociedades antigas locais como históricas e seus agentes como sujeitos históricos.

Este estudo está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica sendo discutidos os principais conceitos utilizados; o segundo capítulo destaca a caracterização da região da pesquisa, a fronteira Brasil e Uruguai, a partir da cidade de Rivera e Santana do Livramento, analisando o Bioma Pampa e os grupos sociais que circulavam na região em outros períodos históricos. No terceiro capítulo, discorre-se sobre os artefatos líticos e cerâmicos selecionados para esta pesquisa, enfocando a cultura material, e os objetos da exposição do Museu Municipal de História e Arqueologia, bem como as técnicas construtivas utilizadas pelas sociedades pretéritas. No quarto e último capítulo, aborda-se a visita ao museu, a construção das narrativas históricas, a oficina experimental sobre a pré-história local, a confecção de artefatos líticos e cerâmicos e a produção de um material didático com textos e jogos sobre a temática do estudo.



## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Neste capítulo serão discutidos os principais conceitos utilizados neste estudo, dentre os quais destacam-se a Educação Patrimonial e o ensino de história, a partir da visita ao Museu Municipal de História e Arqueologia, da cidade de Rivera, Uruguai.

Ao longo do tempo a educação tem sido o meio de nos integrarmos e participarmos das coletividades humanas e, nesse sentido, têm-se apresentado de diversas formas, conforme o contexto sócio-cultural, variando no tempo e espaço. Conforme diz Nérici (1997, p. 15):

Educação é o processo que visa a levar o indivíduo, concomitantemente a explicitar as suas virtualidades e a encontrar-se com a realidade para nela atuar de maneira eficiente e responsável, a fim de serem atendidas necessidades e aspirações pessoais e sociais.

Dessa forma, ao trabalhar com o público de jovens e adolescentes, no espaço formal da educação no mundo atual globalizado, os quais são bombardeados de informações de todo tipo, como, por exemplo, interações através das redes sociais, exige-se do professor novas habilidades e competências a fim de possibilitar aos estudantes construir um conhecimento significativo, no sentido de lidar com as situações concretas da vida social e formar sujeitos críticos, com pensamento autônomo e responsável, cientes de seus direitos e deveres. Por isso, a educação formal assume um papel fundamental no sentido de instrumentalizar os educandos para as novas conjunturas socioeconômicas e políticas que se apresentam no mundo atual, como diz, Freire (1997, p. 20).

A educação é permanente não por que certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de finitude. Mas ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí.

Nesse contexto complexo, a educação, ao integrar a atividade docente, vai exigir investigação, pesquisa e reflexão sobre o ensinar e o aprender ações que convivem juntas, isto é, não são processos isolados, sendo o professor o mediador das idéias. Como diz Moran (2000), o professor é um facilitador que procura mediar para que cada um consiga avançar no processo de ensino-aprendizagem, porém, levando em conta o tempo de aula e as normas legais. Diz ainda Moran (2000), que o professor tem liberdade concreta para organizar o processo ensino-aprendizagem dentro dos parâmetros básicos.

Este pensamento permite direcionar os educandos acerca da realidade que estão inseridos, por meio da compreensão do contexto histórico-social em que vivem e, se possível, transformar a sociedade para melhor, todavia sustentados conceitualmente. Nesse ponto o professor é um mediador, abordando os conteúdos históricos, a partir de referenciais teóricos que possibilitem os estudantes a pensarem criticamente.

Na atividade docente percebe-se como é complexa a integração teoria e prática, à medida que envolve a desconstrução de pré noções e preconceitos internalizados através do senso comum pelos estudantes, tanto com os jovens em formação quanto com os adultos. Desestabilizar conceitos assimilados, ainda que equivocados, necessita de exercício permanente e complexo, pois os adultos são mais resistentes ao novo, pois fazer rupturas requer disposição ao diálogo, curiosidade e respeito ao entendimento do outro.

No entanto, com os jovens o professor tem a oportunidade de mediar o processo de ensino e aprendizagem interagindo com mais facilidade. Estes são mais flexíveis e receptivos às novas abordagens, ainda que em grande parte vivam num período de transformações biopsicossociais, fisiológicas e culturais, que compõem a construção de suas identidades.

O professor em sala de aula convive com essas mudanças, e sua atuação docente pode ficar comprometida se não souber equilibrar essas situações, muitas vezes percebe-se que eles querem “testar” o professor nas aulas expositivas, outras, se não for solicitado sua participação em aula eles não questionam, pois, precisam ser constantemente estimulados a participarem. Esta interação aluno-professor gera conhecimento e, conseqüentemente, poder, no sentido de evolução, de movimento, de trocar experiências.

Neste sentido, pode-se pensar, segundo Foucault (2008, p.52), que o conhecimento leva ao poder,

O exercício do poder em si mesmo cria e faz emergir novos objetos do conhecimento e acumula novos corpos de informação (...) o exercício do poder perpetuamente cria conhecimento e, por outro lado, o conhecimento constantemente induz efeitos do poder (...) não é possível para o poder ser exercido sem conhecimento, é impossível ao conhecimento deixar de gerar poder.

Ainda segundo Foucault, para mediar essas relações de poder entre educando e educador o ideal seria desenvolver mais atividades voltadas à pesquisa e menos argumentação teórica e expositiva, a fim de instigá-los a pensar acerca de determinado tema, pois, de modo geral, a escola reproduz no sistema educacional a violência simbólica da sociedade, onde os estudantes são agentes passivos. Talvez, isso se deva a postura de muitos professores que preferem alunos dóceis, impondo, segundo Bourdieu (1992), uma violência simbólica através

de ações pedagógicas em uma concepção dos grupos sociais dominantes.

Assim, o poder simbólico estaria disseminado e sendo reproduzido pelas instituições sociais e práticas sociais, nesse caso, a escola através das práticas educativas, como afirma Bourdieu (2001<sup>a</sup>, p. 7-8), representaria “o poder simbólico [...] esse poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

Ainda, segundo o pensamento de Bourdieu e Passeron (1975, *apud* Rodrigues, 2004), a educação e a ação pedagógica são pensados como arbítrio cultural impondo uma concepção cultural dos grupos e classes dominantes, assim, o sistema de ensino estaria a serviço desse arbítrio cultural. O docente que optar por outra perspectiva de ensino, na qual não transmita conhecimentos e sim construa conhecimento com os alunos, precisa mais que habilidades e competência; para lidar com situações concretas e desafiadoras da atualidade em sala de aula é necessário criatividade e inovação, a fim de produzir saberes úteis, não no sentido utilitarista, mas saberes que contribuam para a emancipação dos alunos frente às inverdades do sistema capitalista no qual estão inseridos, uma visão do todo, não apenas fragmentos superficiais dos fenômenos sociais destituídos de conteúdo.

Pensar a construção de saberes no espaço escolar como possibilidade de emancipação e exercício da cidadania, saber lidar com novas situações nos contextos atuais, são objetivos a serem desenvolvidos através das práticas educativas, porém tais metas dependem do planejamento da ação pedagógica. O pensador norte-americano John Dewey (1979), ainda no início do século XX, abordava a formação do pensamento crítico, no sentido de desenvolver nas crianças e adolescentes o espírito de reflexão, de tomada de decisão a fim de participar efetivamente do mundo social, formar indivíduos curiosos, solidários com os demais. Assim, Dewey (1979) pensava a sociedade de seu tempo e criticava as práticas educativas que apenas transmitiam saberes, de forma passiva que, de certa forma ainda hoje se verificam nas escolas.

Estimular o pensamento crítico, ativo é o objetivo da aprendizagem como um processo em permanente construção, todavia, o educador deve estar aberto ao novo, a romper continuamente os limites do ato de apreender. Um educador, como diz Aspis (2004), “é um modelo e quer contribuir para a formação de mentes livres, autônomas, deve ele também exercitar sua autonomia e liberdade de pensamento”. O educador deve ter como objetivo formar o ser humano para a emancipação, deve primar por uma formação para a vida social e com potencialidade de intervenção da realidade, pois, “ensinar [...] é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos e para seres humanos” (TARDIF; LESSARD, 2005, p. 150).

## 1.1 ABORDAGEM QUALITATIVA DA PESQUISA

Este estudo tem uma abordagem qualitativa, já que permite buscar a compreensão de fenômenos amplos e complexos de natureza subjetiva (TRIVIÑOS, 1987). Num primeiro momento utilizamos a pesquisa bibliográfica buscando autores que dialogam com esta dissertação, pois conforme Oliveira (2007 *apud* SÁ-SILVA 2009, p. 5), nesta modalidade de estudo, livros, periódicos, ensaios críticos e artigos científicos são documentos de domínio científico. Além disso, a pesquisa exerce a função de assistir na identificação de contradições e respostas para perguntas realizadas anteriormente.

Neste sentido, buscamos na historiografia sobre o Rio Grande do Sul, mais especificamente, sobre Santana do Livramento, subsídios para realizarmos nosso estudo buscando, a partir da Educação Patrimonial, um novo enfoque para ser utilizado na Educação Básica.

Desta forma, essa pesquisa converte-se numa abordagem qualitativa embasada em autores que se dedicam à pesquisa de sociedades pretéritas que habitaram a região do estudo. Para a construção de conhecimentos sólidos a respeito desta temática Chizzotti (2003, p. 221), afirma que:

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles.

O recorte espaço-temporal neste estudo enfoca a atual região fronteira de Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, e Rivera, Uruguai, a qual abrange o Bioma Pampa, porém em outra temporalidade, na qual viviam outras sociedades. Pensar a região atual, quem a habitou, bem como o modo como viviam e construíram sua historicidade em épocas pretéritas antes da chegada dos povos colonizadores europeus, é o recorte temporal o qual este estudo se propõe.

Pretende-se entender, a partir da exposição *do Museu do Patrimônio Regional*, de Rivera, como as sociedades antigas que viveram na região do estudo solucionavam as suas necessidades cotidianas, ou seja, o saber-fazer para as situações que se apresentavam no cotidiano.

Outra abordagem da temática diz respeito à Educação Patrimonial, que pode ser compreendida como uma prática educativa e/ou uma metodologia que visa motivar os

educandos a apreender a ler a realidade, a educar o olhar sobre os bens materiais e imateriais, para tornarem-se aptos a compreender as diferentes temporalidades de forma relacional.

A Educação Patrimonial e seus princípios metodológicos surgiram na Inglaterra, na década de 1970, e após esse período, difundiu-se por outros países. No Brasil essa metodologia de ensino foi apresentada pela museóloga Maria de Lurdes Parreiras Horta, em 1983 durante o 1º Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos, organizado pelo Museu Imperial em Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro (RJ).

Nesse sentido a Educação Patrimonial pode ser mediadora até para construir conhecimentos como os dos povos indígenas. Os povos nativos indígenas foram interpretados na historiografia brasileira como primitivos, inferiores, não civilizados, em uma visão eurocêntrica e pejorativa que, discursivamente, criou estereótipos elevados a um patamar pouco dignificante dos primeiros habitantes da América portuguesa e espanhola. Dessa forma, deve-se questionar e desnaturalizar estes olhares preconceituosos acerca desses grupos sociais e reconstruir outras narrativas pensando na importância destes indivíduos como sujeitos históricos.

Sendo assim, este estudo, além das discussões teóricas, a partir da cultura material lítica selecionada, pretende realizar atividades no espaço museal do *Museu Municipal de História e Arqueologia* de Rivera, no Uruguai e na Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Freire, de Santana do Livramento, RS, mais especificamente com estudantes do 6º ano.

Nos espaços de educação não formal, ou seja, no espaço museal, os objetos serão vistos como possibilidades de uso pedagógico, tanto pelos professores como pelos educandos e integradores do ensino de História, pois a utilização do acervo arqueológico selecionado será apreendida e ressignificada, a partir de leituras críticas de outras temporalidades no intuito de compreender os contextos culturais nos quais os artefatos foram produzidos.

Assim, a metodologia da Educação Patrimonial pode ser articulada ao tema do estudo vinculado ao ensino de História para estudar as sociedades pré-coloniais na região de Santana do Livramento, RS e Rivera, Uruguai, através de um diálogo entre a história e a cultura material. Conforme a visão de Horta (1999, p. 6):

A metodologia específica da Educação Patrimonial pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou um conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural.

O museu é um importante espaço de cultura, que tem como função a salvaguarda dos

objetos produzidos pelo homem. Ele é o principal canal de difusão do conhecimento arqueológico, sendo que, a visita guiada, concretiza uma série de interações, da memória social e cultural das sociedades, como afirma Siman (2007, p. 37):

O museu é um ambiente educativo peculiar. Ele tem um acervo de registros selecionados da vivência sócio e histórica. Ele tem, afinal, materialidade e oportunidades de simbolização não encontradas na escola. E é a partir de uma educação para olhar através dessa materialidade (dispersa, contraditória, lacunar e plural) que se realiza seu papel educador, sua peculiaridade e sua potencialidade

De modo simplificado, a metodologia de Educação Patrimonial é pensada como a experimentação voltada à percepção do significado da expografia; a apropriação do conhecimento, a partir do estudo histórico e da leitura da exposição; da compreensão do ofício do Históriador que, auxiliado por outras ciências busca entender a teia de relações que cada objeto da exposição contém; da valorização e da preservação dos bens culturais, tangíveis e intangíveis, para compreender a evolução humana e a história da humanidade.

A Educação Patrimonial é uma metodologia aplicada às mais diversas evidências materiais e imateriais, no estudo de um único objeto ou em um grupo de objetos, de bens culturais de diversas naturezas como: um parque, sítio arqueológico, saberes e fazeres da cultura popular, bem como em uma manifestação cultural (HORTA, 1999). A autora estruturou esta ação pedagógica em quatro etapas, a saber:

- 1. Observação** – esta etapa consiste na identificação dos objetos de estudo através da apreensão e percepção, visual e simbólica, e os significados destes objetos.
- 2. Registro** - nesta etapa propõe-se registrar os bens, objetos de estudo a partir de suportes como desenho, descrições verbal ou escrita, gráficos, fotografias, vídeos, maquetes e outras formas de registro. Nesta fase, o objetivo é estabelecer, delimitar o valor patrimonial dos bens culturais.
- 3. Exploração** - esta etapa infere uma análise detalhada, interpretativa das evidências apresentadas pelo bem patrimonial. Nesta fase se problematiza o objeto de estudo, levantando hipóteses, discussões e pesquisas em outros lugares de memória e acervos.
- 4. Apropriação do bem cultural** – última etapa da metodologia da Educação Patrimonial na qual se espera que os sujeitos envolvidos desenvolvam leituras críticas a partir dos bens, objetos culturais analisados por meio de narrativas, textos, vídeos, artes visuais, artes cênicas, fotografias, entre outros.

Neste estudo, ao refletir os grupos sociais pretéritos que viveram nesta região fronteiriça, faz-se uso da cultura material como recurso metodológico como forma de

questionar o modo de vida das sociedades humanas do passado, a existência material e a valorização destes grupos sociais enquanto sujeitos históricos.

### *1.1.1 Escola Municipal de Educação Fundamental Paulo Freire*

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Freire está situada no município de Santana do Livramento, RS, na zona rural, na localidade denominada Cerro da Cruz, assentamento Posto Novo, distante aproximadamente 36 quilômetros da cidade. Esta escola, a princípio, era anexa a outra escola do município, a escola São Leopoldo e posteriormente foi desmembrada desta, conforme decreto o N° 5658 de 13 de abril de 2011, que expediu a portaria autorizando seu funcionamento como Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Freire.

A sua clientela de alunos é constituída por alunos cujas famílias são assentados do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Os alunos são assistidos por programas do governo, tanto da esfera federal como municipal; tem acesso a material pedagógico (livro didático), merenda e transporte escolar. A escola tem aproximadamente 79 alunos, atendendo desde a educação infantil, anos iniciais e anos finais. O quadro de recursos humanos no presente ano deste estudo é constituído por uma cozinheira, uma servente, um secretário, doze professores e um diretor. O horário de funcionamento é durante o turno da manhã.

Quanto a estrutura física, a escola dispõe de um pavimento construído, no qual estão distribuídas as salas de aula, a biblioteca, o refeitório, os banheiros e a direção; a sala de aula da educação infantil tem um banheiro específico; além disso, conforme as necessidades das turmas, as salas de aulas podem ser adaptadas para melhor atendimento aos educandos.

Os alunos, na sua totalidade, utilizam o transporte escolar, compreendido por quatro rotas que percorrem os lotes dos assentamentos trazendo para escola e levando para suas casas os alunos da escola, nesse sentido, ressalta-se que o acesso pelas estradas rurais é bem difícil, principalmente no período de chuvas intensas no qual muitas vezes as aulas ficam suspensas.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da E.M.E.F. Paulo Freire, esta trabalha focando na perspectiva de que a escola como espaço formal educativo deve desenvolver nos educandos competências para estes atuarem como sujeitos sociais ativos, críticos, comprometidos com o saber, com a justiça social e com a verdade, no meio social onde estão inseridos.

### *1.1.1.2 A turma - 6º Ano*

Nesse estudo optei por trabalhar com a turma do 6º ano , pois nessa série abordamos, na perspectiva da BNCC<sup>3</sup>, os povos originários da América e a pré-história, focando os povos pré-coloniais que habitaram a América meridional, principalmente na região de fronteira. A matriz curricular da escola, homologada pela Secretaria Municipal de Educação do município de Santana do Livramento, veicula três períodos semanais para o componente curricular de história.

A turma no período da pesquisa era formada por 12 alunos todos moradores dos assentamentos do Cerro da Cruz, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Muitos alunos dessa turma, seus pais, parentes e amigos vieram da região norte ou nordeste do Rio Grande do Sul onde haviam conflitos por disputas de terras envolvendo povos indígenas; nesse sentido temos educandos descendentes de povos ameríndios.

Sendo assim, ao abordarmos a temática que discorre acerca dos povos pré-coloniais, embora em outra temporalidade, estamos dialogando com o passado dos povos indígenas e este passado acreditamos estar vinculado aos descendentes destes povos e, nesse sentido, abordar o tema da pesquisa em sala de aula pode despertar o olhar do aluno enquanto forma de instrumentalizá-lo a construir seu pensamento histórico acerca dos povos indígenas e sua historicidade.

## 1.2 ENSINO DE HISTÓRIA E AS SOCIEDADES PRETÉRITAS

Entre as principais atribuições do ensino de História está a formação do indivíduo, com vistas à construção de identidades, seja esta social e/ou coletiva, como uma forma de preparação para atuação cidadã na sociedade.

Os processos históricos vividos ao longo do século XX e que repercutiram na escola têm causado, também na história, transformações quanto a sua função social, seus interesses e propósitos. A escola, sobretudo a pública, enquanto espaço permanente de disputas e interesses, passou a atender um número cada vez maior de alunos vindos de diversos segmentos sociais, o que demanda reflexões e discussões sobre o papel do ensino no projeto de construção da cidadania.

---

<sup>3</sup> BNCC: Base Nacional Curricular Comum.

Nesse quadro geral de transformações, novos problemas desafiam o processo educacional, exigindo que a escola redimensione suas funções e assuma o compromisso com o seu tempo, como agente de formação de cidadãos. Isso requer de nós um esforço de revisão dos pressupostos teórico-metodológicos que nortearam as práticas da tradicional escola básica. Sobretudo, exige de nós um trabalho paciente de compreensão e construção de novos referenciais para que a escola seja, de fato, um espaço de construção de saberes, de aprendizagens, de formação social e cultural no sentido pleno (GUIMARÃES, 2012, p. 162).

Segundo Guimarães (2012), a escola no século XXI deve ser um espaço que produz conhecimento, trocas e saberes novos, não apenas ser um local, onde é consumido o que é produzido em outros lugares. Além disso, a autora destaca que a escola deve ser capaz de romper com a visão acerca do conhecimento pronto, acabado e transmitido para os alunos, no qual a história era abordada por uma perspectiva linear, etnocêntrica, baseada na memorização, desconectada da vida dos educandos, os quais não conseguem se perceber como parte da história (GUIMARÃES, 2012).

O ensino tradicional (ligado também a uma concepção tradicional da disciplina), sem acabar, já nos deixa uma herança em dívidas: os alunos têm sido obrigados, ao longo do tempo, a engolir uma história estática, linear e cronológica, sucessão arbitrária e obrigatória de eventos e nomes, com pouco ou nenhum sentido para a sua vida ou formação intelectual. Essa situação já fez arraigar um preconceito sobre a disciplina, que, com motivos, coloca-a como "fácil" (afinal depende apenas de uma memorização eficiente) e secundária (pois pouco contribui para a compreensão do mundo, com sua sucessão de Impérios, fases da Revolução Francesa, batalhas da Segunda Guerra Mundial, etc.) (CERRI, 1999, p. 62).

Caimi (2006, p. 21) aborda a visão dos educandos enquanto o ensino de história e enfatiza que,

Em se tratando do predomínio de um ensino mecânico, pautado na memorização, basta conversar com adultos egressos de uma escolarização básica completa, isto é, com pessoas que concluíram os estudos secundários, para perceber quão pouco resta dos conhecimentos estudados nas aulas de História. Nada mais do que fragmentos desconexos de fatos, datas, nomes, muitas vezes sobrepostos aleatoriamente, formando um "samba do crioulo doido", tal como denuncia Sérgio Porto na sua música homônima.

Conforme a autora supracitada, um ensino baseado na memorização de fatos e eventos, pouco contribui para a compreensão do presente, uma vez que a história se baseia, se fundamenta na transmissão de narrativas, ou seja, em um olhar cristalizado o qual se fixa em feitos, fatos e personagens.

Ressalta-se que esta forma de “ensinar” História está ligada à necessidade da formação dos indivíduos para o estado nacional. Nesse sentido, a importância do estudo da história não é conhecer tudo o que aconteceu no passado, a importância maior do conhecimento histórico é desenvolver no sujeito uma orientação temporal capaz de relacionar “os sentidos do passado com as suas próprias atitudes perante o presente e a projeção do futuro” (BARCA, 2004, p. 134-135).

No Brasil, a organização do ensino de História se moldou a partir das nações desenvolvidas, a exemplo da formação das nações européias, se apresentando como uma tradição de conteúdos, que pouco significam para a formação de uma identidade nacional brasileira. Pode-se repensar a história e seu lugar no ensino, principalmente no Ensino Fundamental, objetivo deste estudo. Conforme afirma Guimarães (2017, p. 61):

A história ocupa um lugar estratégico no currículo do Ensino Fundamental, pois como conhecimento e prática social, pressupõe movimento, contradição, um processo permanente de (re)construção, um campo de lutas. Um currículo de história é sempre processo e produto de concepções, visões, interpretações, escolhas, de alguém ou de algum grupo em determinados lugares, tempos e circunstâncias.

Nesse sentido, o conhecimento histórico privilegiou as referências culturais européias em detrimento das sociedades pretéritas que viveram no Brasil e na região dessa pesquisa; a história contada nos livros didáticos veiculava às missões jesuíticas no período colonial, a demarcação de terras entre os portugueses e espanhóis no atual estado do Rio Grande do Sul e os povos nativos eram preteridos. Os povos nativos são relegados a um passado distante como sujeitos sem muita história e futuro.

As sociedades do passado pré-histórico, as quais este estudo se propõe a problematizar, conforme Funari (2002) foram compreendidas com o auxílio da etnografia que contribuiu para veicular os povos nativos como sujeitos selvagens, cujo saber e cultura não tinham a mesma importância que a européia, pois os selvagens deveria ser esquecidos em detrimento da educação européia.

Diante disso, vamos discutir os povos nativos denominados indígenas os quais têm essa designação associada a um equívoco de navegação cometido por Cristóvão Colombo quando, em 1492, na viagem que realizou para as Índias e, devido a causas ainda não esclarecidas, aportou na América Central e designou os nativos com o nome genérico de índios. Sendo assim, nesta pesquisa problematizam-se os olhares acerca da pré-história e seus sujeitos pensando a região do estudo, interpretando as sociedades pretéritas através de sua cultura material de modo que possamos compreender estas sociedades como históricas, detentoras de saberes e fazeres,

rompendo com a ideia de inferioridade em relação às sociedades européias.

Assim, o pensamento Ruseniano é o elemento norteador com o qual procura-se dialogar, pensando na consciência histórica e a importância da narrativa, pois este autor destaca a consciência histórica como uma forma de consciência humana, a qual está relacionada com a vida humana prática e que reflete o tempo, pois o sujeito, quando estabelece um quadro comparativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo, precisa fundamentar-se no seu tempo para que possa realizar intenções de seu agir.

Rüsen (1993) desenvolveu esta tipologia com base em argumentos teóricos e afirma a necessidade de confrontá-la com evidências empíricas. O autor menciona que quando se narra, narra a ação intencional do sujeito. Nesse estudo, a consciência histórica (RÜSEN, 1993), vai possibilitar uma avaliação pelo educador acerca do entendimento dos alunos em relação ao objeto museal, integrando aos conteúdos trabalhados em sala de aula na disciplina de história, reforçando o pensamento do autor que apresenta a consciência histórica como uma forma de consciência humana que está relacionada com a vida humana prática.

Ao abordar as sociedades pré-coloniais que ocuparam o Bioma Pampa, região do município de Santana do Livramento, dialoga-se com a história local e a cultura material destas sociedades antigas, a partir de seus artefatos líticos e cerâmicos produzidos noutra temporalidade e em exposição no museu de Rivera, no sentido de sensibilizar o educando a construir novas interpretações e leituras acerca das sociedades pré-coloniais .

Dessa forma, esta pesquisa dialoga com os documentos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), publicados em 1997, e a BNCC, homologada em 2017, para Educação Infantil e o Ensino Fundamental; este último, público destinado a esta pesquisa, através dos PCNs enfatiza-se conceitos que norteiam a relação entre memória e história, bem como acerca da construção da identidade individual e social dos indivíduos, uma vez que estruturam diferentes pontos de referência, na qual a memória individual se insere na memória coletiva.

De acordo com a BNCC e o componente curricular de História para o Ensino Fundamental, Anos Finais, e seguindo o tema abordado acerca das sociedades pretéritas que viveram na região deste estudo considera-se pertinente conforme a BNCC “identificar aspectos e formas de registro das sociedades antigas na África, no Oriente Médio e nas Américas, distinguindo alguns significados presentes na cultura material e na tradição oral dessas sociedades” (BRASIL, 2017, p. 417).

Sendo assim, a preocupação da formação indentitária, põe à tona a importância da aproximação dos estudantes em museus, onde a história pode ser visualmente experimentada e ressignificada pela memória, sensibilizada pela cultura material presente nesses espaços de

memória no que prevê a pluralidade e diversidade cultural dentro do patrimônio sociocultural do Brasil.

É exatamente pelo fato de se perceber esta ligação entre memória e história que começam a ser criados espaços como os museus, que surgem com o objetivo de guardar e proteger as obras humanas, ou seja, todos os saberes vinculados nos diversos campos do conhecimento, como na arte, na ciência e na filosofia, no intuito de cultivar a memória. Para maior entendimento, a palavra museu, no latim relaciona-se a palavra *museum* e no grego a palavra *mouseion*, que significa o lugar consagrado às Musas, deusas das artes (VASCONCELLOS, 2006).

Para a *Internacional Council of Museums* (ICOM) “o museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite” (ICOM, 2018). Esta definição reflete o patrimônio material e imaterial como fruto das discussões no campo da museologia, onde se enfatiza a ressignificação da história dos saberes humanos, sob o viés da memória, o que acaba por revelar informações sobre determinado contexto e/ou região.

No mundo contemporâneo a função do museu não pode limitar-se ao ato de recolher, restaurar e expor objetos que compreendem o seu acervo. Um novo olhar a partir da pesquisa, da divulgação, da socialização do conhecimento e da participação da sociedade tornaram-se elementos determinantes das funções sociais dos museus. Na nova sociedade do século XXI, o museu passou a ser espaço de formação, de criatividade e de interface com a comunidade.

Um exemplo de pensar o museu e integrar ao ensino de História condiz com a obra de Francisco Regis Lopes Ramos (2004), intitulado *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. O autor propõe uma educação com patrimônio por meio de objetos geradores do conhecimento, a partir do pensamento freiriano, o que se torna uma possibilidade plausível para o início da alfabetização museológica em sala de aula, pois,

[...] no museu, ou em outros espaços educativos, o professor ou o orientador faria uma pesquisa e escolheria objetos significativos para os alunos, ou participantes de um certo grupo, e a partir daí realizaria exercícios sobre a leitura do mundo através dos objetos (RAMOS, 2004, p. 32).

Essa investigação dos objetos museais, com intuito de possibilitar intervenções pedagógicas voltadas para o Ensino Básico é um procedimento viável, desde que, orientado ou mediado por educadores, pois acredita-se que esta prática pedagógica visa promover a sensibilidade e a reflexão nos educandos. De forma simplificada, esta prática pode ser vista

como uma forma de leitura do mundo, por meio de objetos, que tendem a revelar a cultura da sociedade e as relações estabelecidas (FREIRE, 2009, p. 21).

Dessa maneira, frisa-se a importância de desenvolver um processo de formação que amplie o conhecimento e aprofunde a compreensão acerca do papel que os educandos desempenham em grupos sociais, com vistas à formação humana e reflexiva dos estudantes. Nesta perspectiva, a contextualização da cultura material lítica, da materialidade de outro tempo, isto é, de artefatos líticos do período pré-colonial, podem contribuir para a construção de narrativas acerca das sociedades pretéritas com vistas à novas interpretações.

Ainda, Pereira (2006), enfatiza que a visita mediada em lugares de memória é útil para a educação dos sentidos e experiências sensoriais, pois a leitura e interpretação dos objetos museais sensibiliza os indivíduos, despertando a capacidade cognitiva.



## 2 CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO DO ESTUDO

### 2.1 AS SOCIEDADES HUMANAS E A OCUPAÇÃO DO BIOMA PAMPA

Pensar as sociedades humanas pré-coloniais, as quais existiram na atual região da Campanha do estado do Rio Grande do Sul até a chegada dos povos ibéricos no século XVI, nos remete a noção de território o qual, segundo o pensamento moderno, implica na idéia de fronteira, uma extensão de terra, águas e recursos naturais delimitados e na perspectiva de um estado, de soberania, de um povo e de um governo. Esta noção de território da época moderna está associada a história européia e a um modelo de sociedade civilizada.

Diante desse conceito, este estudo dialoga com as sociedades humanas pretéritas as quais não tinham limites políticos definidos como conhecemos; estes grupos sociais circulavam livremente pelos atuais países Brasil e Uruguai; ocupavam o atual Bioma Pampa, região do sudoeste do estado do Rio Grande do Sul e noroeste do Uruguai. As pesquisas arqueológicas realizadas em ambos países, como mencionaremos a seguir, envolvem investigações arqueológicas com pontos semelhantes; no Uruguai as pesquisas arqueológicas ainda iniciadas por Antonio Taddei, nos anos 1950, do século XX, na região noroeste do Uruguai foram representantes da indústria lítica denominada catalanense. Ainda, Taddei considerou uma possível datação de 9000 anos AP (antes do presente) para esta indústria lítica; segundo Kern (1991), os ecossistemas da Região sul são ocupados acerca de 10000 AP (antes do presente).

O período de ocupação pelos grupos humanos teria ocorrido na região sul no período de transição do Pleistoceno para o Holoceno, portanto, já havia um tempo no mínimo razoável em que este espaço vinha sendo produzido antes da chegada dos povos europeus. Os grupos sociais eram pequenos e havia pouca divisão do trabalho. Tratava-se, conforme Queiroz (1978), de uma sociedade com relações sociais muito próximas, baseada na afetividade e na qual cada pequeno grupo ou cada família cuidava de sua subsistência e formava uma unidade independente.

Estes grupos humanos eram caçadores coletores nômades os quais, segundo Kern (1991) dois destes grupos um de tradição Umbu e outro Humaitá se adaptaram ao meio ambiente, a partir do período do Holoceno inicial. Segundo Silva (2017, p. 21), o grupo ligado a tradição Umbu, vivia em campo aberto estendendo-se pelo Uruguai e Argentina e o outro grupo ligado a tradição Humaitá eram caçadores coletores e viviam nas áreas de floresta subtropical, no planalto Rio-grandense. Como apontam Schmitz (2006), Kern (1981) e Ribeiro (1990), os artefatos manipulados por estas duas tradições seriam sua adaptação ao meio no qual

viveram e caracterizaria ainda, conforme estes pesquisadores, os tipos de artefatos presentes.

Ao abordar as sociedades pretéritas da região deste estudo necessitamos lembrar, como já mencionado, que as coletividades humanas no passado transitavam entre os atuais territórios que compreendem o estado do Rio Grande do Sul no Brasil, o Uruguai e a Argentina e, nesse sentido, temos que discutir as concepções acerca da divisão da pré-história no Uruguai, pois este país se insere na região desta pesquisa, bem como no material da cultura lítica e cerâmica selecionados.

Conforme Bormida (1964), Taddei (1980, 1987), Hilbert (1991), as indústrias líticas no Uruguai podem ser divididas em duas tradições: uma relacionada aos caçadores superiores especializados com pontas de projétil e a outra de caçadores coletores não especializados sem pontas de projétil.

A Figura 2, a seguir, apresenta a divisão da pré-história do Uruguai conforme o antropólogo Daniel Vidart (1969), na qual evidencia as indústrias catalanense, cuaraimenses (grupos de caçadores coletores não especializados), grupos caçadores coletores especializados e os grupos ceramistas, representados pelos artefatos selecionados para esta pesquisa.

Figura 2 - Divisão cronológica da pré-história do Uruguai conforme Daniel Vidart.

PRE-CERAMICO	8.000 A. C.	SUPER-VIVENCIA S. XVII	<b>CULTURAS PALEOINDIAS</b> (I) PERIODO EIPROTOLITICO — RECOLECTORES - PALEOCAZADORES a) Catalanense b) Maldonadense c) Relictos Arcaizantes } ¿Guayaná (Yara)?  (III) PERIODO EPIMIOLITICO — RECOLECTORES - PROTOPLANTADORES SUBTROPICALES Cuareimense — CAZADORES ESTEPARIOS a) Sin flechas b) Con flechas	<b>FUEGUIDOS Y LAGUIDOS</b> (?)
	4.000 A. C.			
	3.000 A. C. 2.000 A. C.			
PROTOCERAMICO	1.000 A. C.	S. XVII	<b>CULTURAS MESOINDIAS</b> (III) PERIODO PARANEOLITICO — COMPLEJO SEMISENTARIO ANDINO - SAMBAQUIANO Relictos Arcaizantes } ¿Arachana? — GRANDES CAZADORES AUSTRALES La Elma Charrúa — PESCADORES - RECOLECTORES - CAZADORES a) Fuertes mesopotámicos } Chaná amazónicos } Chaná Timbú b) Cultura Osteodonto-malecoquerática } Chaná Baguá	<b>FUEGOLAGUIDOS</b> (?) <b>PAMPIDOS</b>
	COMIENZO ERA CRISTIANA	S. XIX  S. XVIII		
CERAMICO	1.400 D. C.	S. XIX	<b>CULTURAS NEOINDIAS</b> (IV) PERIODO NEOLITICO — PLANTADORES - CANOEROS } Querani } ¿Tape?	<b>PAMPIDOLAGUIDOS</b> (?) <b>AMAZONIDOS</b>

Fonte: VIDART, 1969.

## 2.2 A INDÚSTRIA CATALANENSE

Nas nascentes do arroio Catalan Chico (Departamento de Artigas), noroeste do Uruguai, conforme Silva (2016, p. 30), nos anos 50, do século XX, foi identificada pelo pesquisador Antonio Taddei a indústria Catalanense, numa área de aproximadamente 28 km<sup>2</sup>, foram localizados cerca de 20 sítios arqueológicos. Todos os sítios conhecidos dessa indústria eram de superfície e contavam com uma enorme quantidade de artefatos líticos.

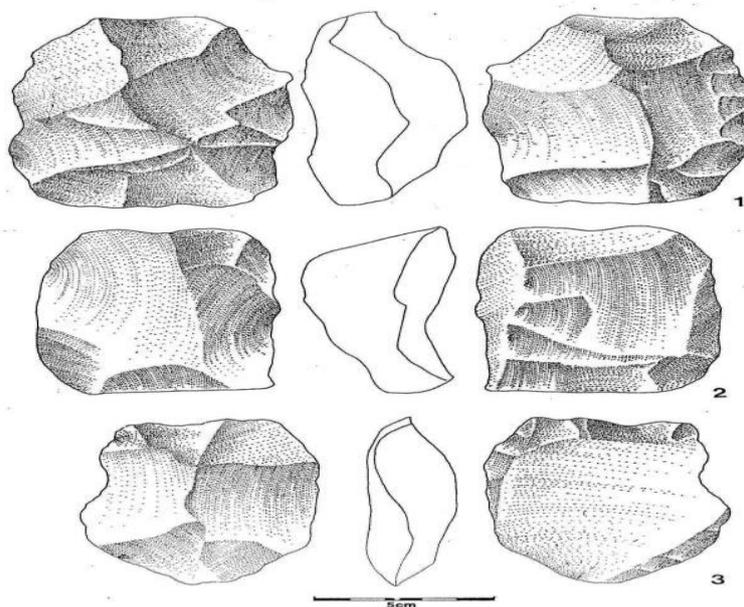
Segundo Hilbert (1994, p. 141), a indústria Catalanense está dividida em duas fases distintas: uma mais antiga e outra mais recente. A primeira se caracteriza pelas lascas grandes, elaboração de raspadores; e, outra fase mais recente, a segunda fase parece haver pequena produção de bifaciais. Esta divisão ainda, segundo Hilbert (1994) equivale ao modelo proposto por Willey (1971), que postula a existência de uma *tradição de lascas* seguida por uma *tradição de bifaces*.

O Catalanense mais antigo é datado por Bormida (1964) através dos terraços pluviais e das oscilações estáticas, em 9.000 A.P., datando-se a fase mais recente, aproximadamente, em 7.000 A.P. Segundo Hilbert (1994) a partir do exame de parte do material da coleção de líticos de Taddei, Sítios Brunn, Cina-Cina, Falcon e Paso-Tala, pode-se considerar a indústria Catalanense caracterizada mais pelos elementos técnicos do lascamento, do que através das classificações detalhadas das formas das peças retocadas e de suas porcentagens. O elemento característico dessa indústria lítica é o lascamento unifacial. Segundo Milder (2000), uma outra característica da indústria Catalanense são dois tipos de retoques que parecem ser exclusivos destas protoculturas do Uruguai, seriam os retoques alternos e alternantes.

Conforme Milder (2000), este tipo de sítio também ocorre no lado brasileiro, principalmente nos municípios de Uruguaiana, Alegrete e Quaraí. Palermo (1999) menciona a ocorrência de artefatos dessa indústria na região da Coxilha Negra em Santana do Livramento, Brasil e no Departamento de Rivera, no Uruguai.

Hilbert (1994) menciona que lascas com plataforma facetada primária, secundária e negativos de lascas que convergem e um ponto central são elementos típicos produzidos por lascamentos de núcleos discoidais, como os representados na Figura 3, a seguir.

Figura 3 - Núcleos “discóides” identificados por Hilbert (1991) para os sítios da indústria Catalanense.



Fonte: HILBERT, 1991.

### 2.3 A INDÚSTRIA CUAREIMENSE

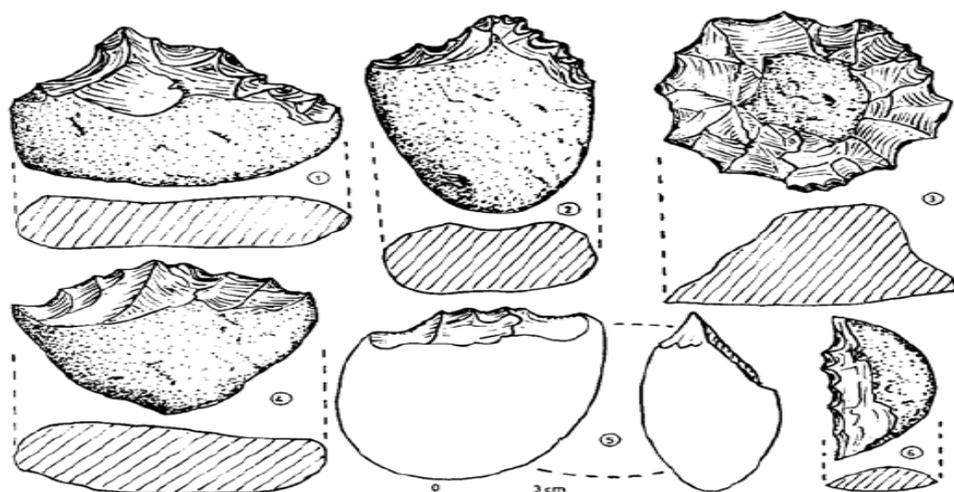
A indústria lítica Cuareimense é uma indústria como a anterior sem pontas de projétil e pertence, como o Catalanense, aos grupos dos caçadores-coletores não especializados, a localização segundo Hilbert (1994, p.142), é no Departamento de Artigas, e estes sítios se encontram sobre as margens do rio Quaraí.

Ainda conforme Hilbert (1994) as barrancas deste rio, situados na cidade de Quaraí, RS, foram pesquisadas à princípio por Jorge Chebataroff (1961), porém Bormida (1964) foi quem realizou uma minuciosa pesquisa morfológica destas mesmas barrancas, definindo a indústria lítica desta região.

A indústria *Cuareimense*, segundo os pesquisadores mencionados acima, possuiria uma tipologia aparentemente mais tosca que a *Catalanense*, pois de acordo com Silva (2016, p. 35) nesta indústria predominam seixos lascados, e, quanto aos aspectos técnicos, essa indústria seria integrada por 39% de artefatos sobre seixo; 35% de núcleos sobre seixos; 26% de lascas, sendo poucas vezes retocadas por percussão dura. Bórmida (1964) descreve a tecnologia desta indústria com predomínio de seixos de arenito, obtidos no canal do rio Quaraí. Segundo Milder (2000), num primeiro momento, os seixos são talhados na forma de *choppers*, geralmente laterais; os nódulos toscos azuelas de seção retangular, porém os

artefatos mais numerosos e importantes foram obtidos mediante percussão de lascas grandes (Figura 4).

Figura 4 - Desenho com escala de artefatos da indústria *Cuareimense*, com seus respectivos rebatimentos.



Fonte: TADDEI, 1987.

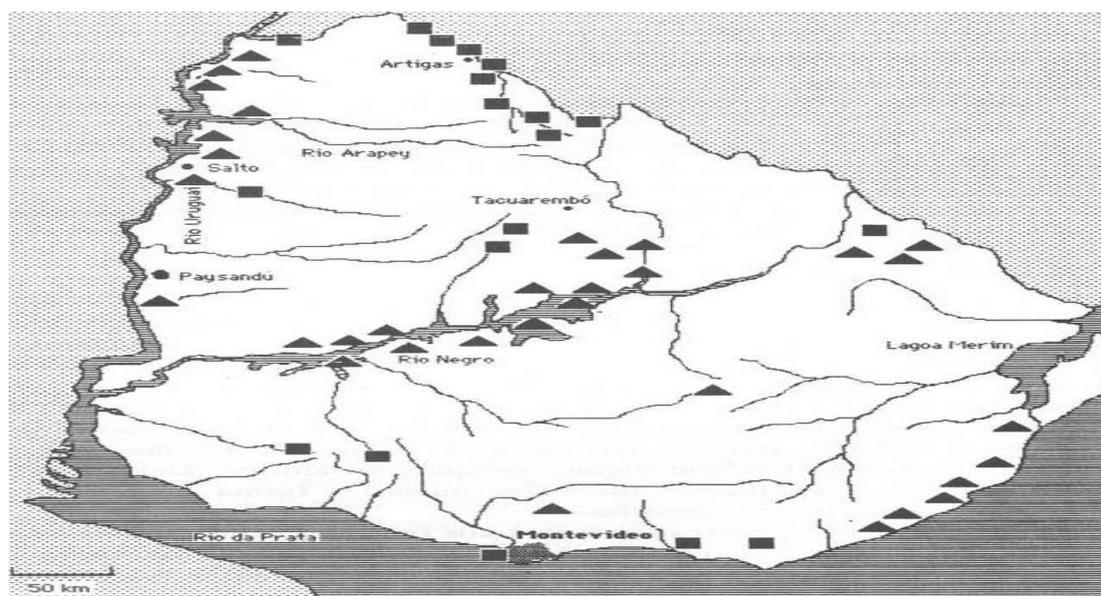
Bórmida (1964b) e Schobinger (1967) descrevem os Cuareimense como uma simples indústria, onde:

*Esse lapso de tiempo relativamente breve, junto con las características de la industria, más apta para trabajar madera, abatir troncos o remover el suelo que para actividades relacionadas con la caza, hacen pensar a dicho autor que se trata de una cultura protoagrícola, relacionada con el alto-paranaense aunque sin poseer algunos de sus instrumentos típicos como la clava curva. Recordando la presencia en la zona de una población primitiva portadora de la industria Catalanense, resulta aceptable la hipótesis de que Los protoagricultores, ligados por las condiciones fisiográficas de la zona al cauce del río, desplazaron de este hábitat a Los catalanenses, quines siguieron viviendo en el interior, de escaso o nulo interés para la economía de Los cuareimenses. Los cuareimenses permanecieron en la zona un par de milenios, transformando en algo su industria, refinándola y adquiriendo algunos elementos que en un principio no poseían. Es casi seguro que ejercieron algunas influencias sobre sus vecinos catalanenses cuyas fácies industriales más modernas adquieren las azuelas, rabots y bifaces, escasos o ausentes en los más antiguos. Por causas que desconocemos, pero que podemos suponer ligadas en parte a las mudadas condiciones de vida de la orilla del río por causa de la exondación del cauce, Los cuareimenses desaparecen hacia Los comienzos del IV milenio a.de J.C. y las costas del Cuareim fueron ocupadas nuevamente por Los catalanenses, representados ahora por las fácies culturales más recientes ya influidas por; as industria epimiolíticas del área centromeridional del Uruguay. No es imposible que Los últimos catalanenses no sean sino Los antecesores de Los grupos de recolectore-cazadores, con agricultura adquirida, que se continúan hasta épocas históricas en Los pueblos Caingang (SCHOBINGER, 1967, p. 189).*

Segundo os referidos autores, esta indústria estaria relacionada a grupos humanos que supostamente praticavam uma agricultura incipiente devido ao fato da ocorrência dos sítios estarem situados nas margens dos rios, locais que, para o autores, apresentariam solos mais propícios ao cultivo; ainda, os autores mencionam que os cuareimense teriam desaparecido por causas desconhecidas ou talvez ligadas a transformações nas margens do rio Quaraí.

Novos estudos no noroeste do Uruguai, desde o final da década de 90, do século passado, realizados pelo arqueólogo uruguaio Rafael Suárez o qual vem pesquisando a região do arroio Catalán, traz evidências que rompem com a visão acerca das indústrias líticas, e implementa um novo olhar acerca do estudo de âmbito regional (Figura 5).

Figura 5 - Tradições líticas do Uruguai.



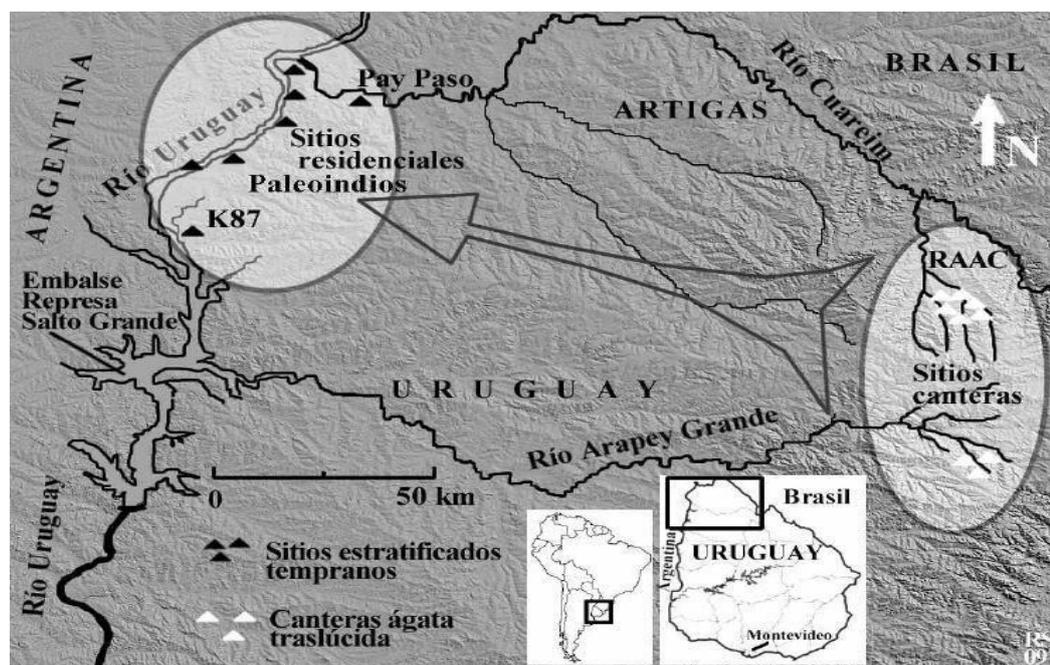
▲ Sítios de Caçadores-coletores não especializados    ■ Sítios de Caçadores-coletores superiores especializados

Fonte: HILBERT, 1994.

Por meio de suas investigações, Suárez (2003; 2010; 2011) estabeleceu um modelo de mobilidade, um raio maior de ação para os grupos de caçadores coletores que habitaram a região noroeste do Uruguai. Os sítios dos arredores do *Arroyo Catalán Chico* seriam sítios oficinas “canteras-talleres”, locais de aquisição de matéria-prima e confecção de pré-formas para instrumentos. Esses canteras-talleres, conforme Suárez (2011) se estenderiam ao longo de uma faixa de, aproximadamente, 80 km de comprimento por 30 km de largura, ou seja, uma grande área de circulação desde a desembocadura do Arroio Catalán Grande até as nascentes do Rio Arapey

Grande, sendo este perímetro denominado de *Región Arqueológica Catalanes-Nacientes Arapey* (RACNA), conforme Figura 6, a seguir.

Figura 6 - Esquema de traslado de matéria-prima entre os sítios logísticos do Rio Uruguai e dos sítios da RACNA.



Fonte: SUAREZ, 2011.

## 2.4 CAÇADORES COLETORES ESPECIALIZADOS OU SUPERIORES

Os caçadores coletores superiores ou especializados se caracterizam conforme Taddei (1987), por apresentarem as pontas de projétil ao contrário dos caçadores coletores não especializados os quais correspondem às indústrias líticas já mencionadas catalanense e cuareimense.

A distribuição dessas indústrias dos caçadores superiores, segundo Hilbert (1991), parece ser maior na região norte do Uruguai, distribuindo-se por todo o sul do Brasil, associados à tradição Umbu. Esses grupos caçadores e coletores parecem, segundo Taddei (1987), estar relacionados a ocupações de relativa estabilidade, sobre terraços de rios e arroios, mas fora da ação das cheias, em áreas com grande oferta de recursos econômicos, como água, madeira, caça, pesca e coleta.

A cultura material lítica segundo Hilbert (1991) é representada por lascas e resíduos de lascamento, além de núcleos, principalmente resultantes da produção intensa de pontas de projétil incluindo pontas *rabo de peixe* e outras peças bifaciais, raspadeiras ocorrem também, mas em menor proporção, lascas retocadas (facas), bolas de boleadeira, pedras lenticulares, mós, entre outros.

Os assentamentos desses grupos de caçadores coletores superiores se situam, principalmente, ao longo do Rio Negro no Uruguai e, conforme Hilbert (1991), as datas para a ocupação humana nesta região oscila entre 9600 a 10400 AP, a região norte do Uruguai esta a maior distribuição desses grupos, segundo Hilbert (1991), associados a tradição Umbu, no sul do Brasil. A cultura material desses sítios está constituída por lascas, resíduos de lascamento, bem como núcleos, produtos da manufatura, de pontas de projétil tipologia *rabo de peixe* na região do rio Negro, bolas de boleadeiras, lenticulares, cerâmica entre outros.

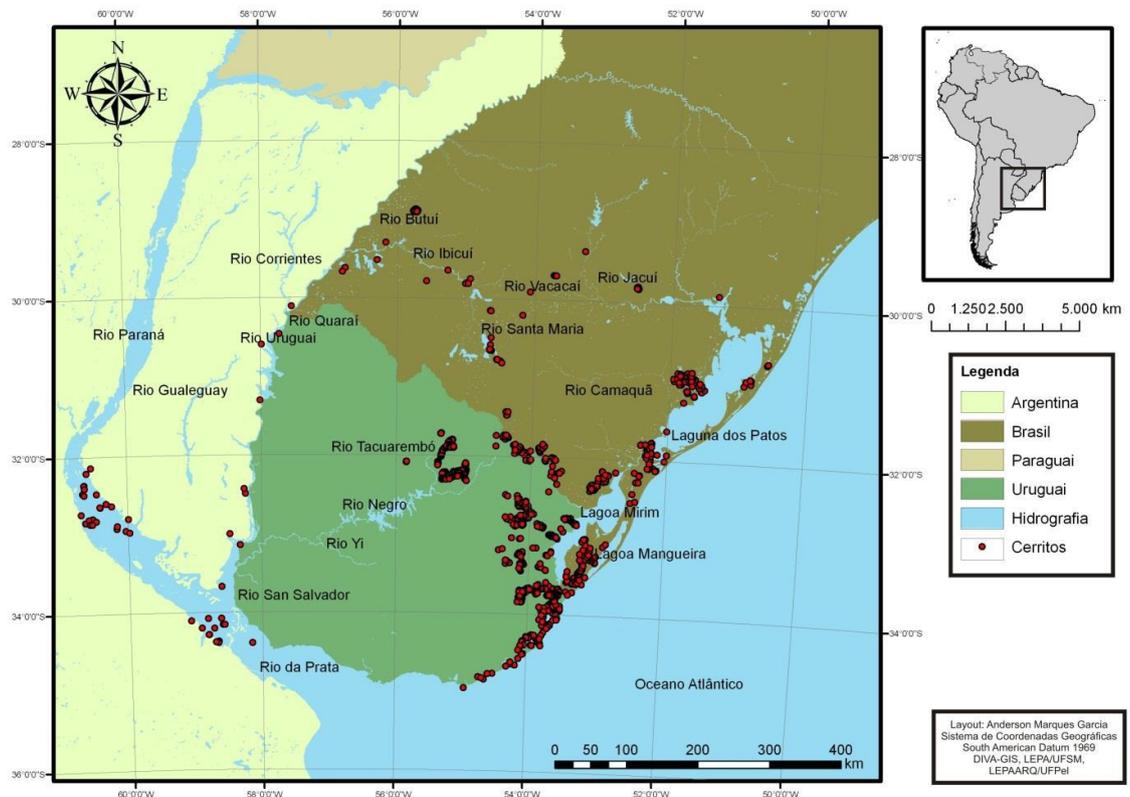
Nesse sentido, pode-se pensar a região norte do Uruguai e a ocupação humana pré colonial, a região desta pesquisa e como anota Palermo (1999) que descreve a formação de cerritos na região de Vichadero, costas do rio Negro departamento de Rivera, Uruguai, Conforme diz Garcia (2017, p. 21):

Os Cerritos são estruturas arqueológicas monticulares constituídas predominantemente por terra, acrescidos por vestígios líticos, cerâmicos e arqueofaunísticos, onde ainda podem ser encontrados enterramentos humanos e estruturas de fogueiras. Tais estruturas arqueológicas alcançam uma temporalidade máxima entre 5458 e 4977 BP3 em Rocha no Uruguai, onde Cerritos atingem dimensões de até 100 metros de diâmetro por 7 metros de altura .

Segundo Garcia (2017) existem indicações de Cerritos na Argentina nos departamentos de Victoria, Gualeguay, Islas de Ibicui, Diamante, San Fernando, Campana, Zárate, Escobar e Tigre; no Uruguai nos departamentos de Rocha, Cerro Largo, Maldonado e Tacuarembó. Ainda Garcia menciona (2017) que no Rio Grande do Sul os cerritos estão no Sudeste do Rio Grande do Sul, na região dos municípios de Chuí, Rio Grande, Pelotas, Jaguarão, Camaquã e Bagé, e na porção central interiorana, próximos das margens dos rios Pardo, Jacuí, Vacacaí, Ibicuí e Butuí.

Palermo (1999) menciona a existência de três cerritos em Vichadero, interior do departamento de Rivera os quais acompanham as margens do Rio Negro cujos diâmetros oscilam 10m e 30m e altura entre 0.80m a 2m; conforme Palermo (1999), no interior desses cerritos foram encontrados artefatos líticos, como, por exemplo, morteiros, percutores, raspadores, bolas de boleadeiras, pontas de projétil e fragmentos de cerâmica grossa sem decoração.

Figura 7 – Mapa representativo das áreas de Cerrito<sup>4</sup>.



Fonte: GARCIA, 2017.

Conforme anota Garcia (2017), existem muitas interpretações acerca dessas construções monticulares, os cerritos, conforme as particularidades locais desse fenômeno de larga abrangência espacial. Pode-se dizer que os Cerritos, ao longo do tempo, têm sido pensados como cemitérios, demarcadores territoriais, locais de descarte de refugio, praças centrais de aldeias, lugares erguidos para a habitação em áreas alagadiças e aproveitamento de elevações naturais, bem como monumentos ligados à memória e identidade dos grupos que os construíram (NAUE, 1973; SCHMITZ, 1976; RÜTHSCHILLING, 1989; BLANCO, 1999; IRIARTE, 2000; MAZZ, 2000; VILLAGRÁN, 2005; BECKER, 2006; IRIARTE, 2006; SILVA Jr., 2006; MAZZ & BRACCO, 2010; BONOMO et al, 2011a; GIANOTTI, 2016).

<sup>4</sup> Mapa representativo das áreas informadas como Cerritos no espaço platino. Elaborado a partir dos acervos do LEPA-UFMS, LEPAARQ-UFPEL e fontes bibliográficas (NAUE et al, 1971; NAUE, 1973; CAGGIANO, 1984; COPÉ, 1985; RÜTHSCHILLING, 1989; BLANCO, 1997; SCHMITZ et al, 1997; MAZZ, 1999; IRIARTE, 2000; MENTZ-RIBEIRO & CALIPPO, 2000; MAZZ & MORENO, 2002; PEREIRA, 2005; ROGGE, 2004; INDA et al, 2006; GIANOTTI et al 2008; ROSA, 2008; MAZZ & BRACCO, 2010, BONOMO et al, 2011a).

## 2.5 CAÇADORES COLETORES DA TRADIÇÃO UMBU E HUMAITÁ, NO RIO GRANDE DO SUL

As diversas sociedades pretéritas segundo Melchiades (2017) são difíceis de ser entendidas como um todo, bem como imaginar os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul como parte de um mesmo grande grupo organizado. Conforme Soares & Klamt (2005 p. 24): “Para estudar esses grupos, arqueólogos e antropólogos os agruparam por caracteres culturais, a partir dos hábitos, dos instrumentos e das técnicas de produção”. Assim, surgem algumas classificações para “organizar” os grupos indígenas.

Sendo assim, pode-se analisar conforme Luana (2017), a partir das pesquisas do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) e Souza (1991, *apud* Milheira 2002, p.91),

O PRONAPA é considerado um marco na Arqueologia brasileira, pois propôs uma padronização metodológica através de comparações baseadas em generalizações e invariáveis sobre as culturas pré-históricas, uniformizando as técnicas e métodos de pesquisa no Brasil.

E, posteriormente no PROPA (Programa Paleoíndio) projetos de pesquisa através dos quais estruturou-se o período pré-colonial ou pré-histórico do RS. Através do PRONAPA surgiram categorias criadas em função das concepções de “Tradição” e “Fase”, a partir das diretrizes de influência norte-americana, sistematizada por Willey e Phillips. Hoeltz (2005), aponta que estes conceitos de fase e tradição não descrevem etnia, povo, nem mesmo culturas, como ressalta também Gomes (2002). Schmitz e Becker (1991, *apud* Soares e Klamt, 2005 p.24) que definem Tradição Arqueológica e Fase como:

Tradição: é definido como grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal. É importante salientar que tradições são hábitos de manufatura de artefatos, não de culturas. Fase: Conjunto de materiais com características semelhantes (cerâmica, artefatos de pedra ou osso) e que mantêm as características isoladas como diagnósticas, dentro de um espaço e tempo reduzidos.

Ainda, de acordo com Willey e Phillips (1958, p. 37 *apud* Dias, 2003), uma tradição arqueológica é uma continuidade temporal representada por configurações persistentes em tecnologias únicas ou outros sistemas de formas relacionadas. Assim, uma tradição pressupõe uma ou várias unidades arqueológicas relacionadas entre si que são persistentes no tempo e se transpõem por meio do convívio social.

Como afirma Hoeltz (1997, p.17):

o termo tradição foi empregado para caracterizar dois grandes grupos de caçador-coletores que habitaram tanto o pampa do Rio Grande do Sul quanto o planalto sul-brasileiro, denominados Umbu e Humaitá, respectivamente. Como ambos os grupos pré-cerâmicos tiveram não só uma grande dispersão espacial mas também um longo período de duração, indicada por datações de radiocarbono (C14), inúmeras fases foram definidas nas pesquisas desenvolvidas em áreas de ocupação destes caçadores-coletores.

A tradição Umbu, segundo Melchiades (2017), é baseada nos instrumentos de pedra (líticos) que esse grupo social produzia. A principal característica da tradição Umbu é a presença de uma indústria lítica com lascas retocadas e pontas de projéteis (PROUS,1992, p.149). Eles viviam em bandos pouco numerosos e ocupavam sobretudo a região dos campos. Sua indústria lítica é diferente não apenas pela presença de pontas de projétil, mas também na escolha de suas matérias primas, de rochas mais frágeis e que necessitam de retoques e trabalhos mais finos (SOARES E KLAMT, 2005, p. 35).

Conforme Ribeiro (1990), a área de dispersão destes grupos de caçadores coletores da tradição Umbu perfaz do norte até o nordeste do Estado do Paraná e República do Paraguai; a oeste, vai até a Argentina (especificamente em Corrientes, Entre Rios e Misiones) e, a leste, apenas o oceano; ao sul, até o estreito de Magalhães. Para Lemes (2008), estes grupos estabeleceram-se em várias regiões, mas, principalmente, nas planícies do sudoeste e na encosta do planalto. A tradição Umbu ocupava áreas com vegetação não muito fechadas, costeando as florestas e a zona do pampa gaúcho, bem como as florestas tropicais com ou sem araucárias. Ocuparam muito pouco a mata fechada e o litoral, ambas as regiões, ocupadas pela tradição Humaitá e pelos construtores de Sambaqui (SCHMITZ, 1984).

Este grupo de caçadores coletores confeccionavam seus instrumentos com rochas, ossos e conchas. Segundo Schmitz (1984), eram produzidos, sobre o material ósseo, furadores, pontas duplas, anzóis, retocadores, rapadores e, sobre a concha, eram produzidos contas perfuradas. Acrescenta Lemes (2008), que, para produção de instrumentos líticos, a matéria prima era variada, pois estes grupos humanos faziam uso do sílex, da calcedônia, do arenito silicificado, do basalto e do quartzo; a técnica de lascamento é a percussão direta que predominava.

Como aponta Ribeiro (1991), os artefatos líticos típicos são as pontas de projétil, lascas, lâminas, facas, raspadores, plano-convexos, furadores, bifaces e percutores; aparecem também as lesmas, buris, mós, machados polidos e boleadeiras. Acredita-se que os raspadores (plano-convexos) serviriam para raspar a carne do couro, as escamas dos peixes e também a madeira; as facas e os furadores poderiam ser utilizados para furar o couro usado nas vestimentas, cortar

a carne, peles, couro e madeiras. Os bifaces serviam para retalhar os animais e as lascas estariam relacionadas as funções de cortar, raspar e furar (RIBEIRO, 1991).

Na tradição Humaitá, assim como a tradição Umbu, se distinguem os artefatos líticos. Seus instrumentos, ao contrário da suavidade e precisão dos artefatos líticos atribuídos à tradição Umbu, são maciços, geralmente maiores e atrelados a blocos ou seixos de rochas mais duras, como o basalto e são de pequeno número nos sítios (Prous, 1992). Costumavam habitar ambientes de floresta subtropical e matas de Araucária (Soares e Klamt, 2005) que, predominantemente, eram locais onde a extração, uso e manipulação da madeira seriam corriqueiros, principalmente devido à abundância do material. Schmitz (2006, p. 19) pontua que “os artefatos costumam ser bem maiores que os da tradição Umbu e bem diferentes, destacando-se especialmente a ausência de pontas de dardos ou flechas em pedra, as quais são os artefatos mais característicos daquela tradição. Provavelmente na tradição Humaitá seriam feitas de madeira.”

Outra tradição a qual se deve mencionar é a tradição Vieira, esta têm um ponto em comum e inconfundível: o Cerrito, já mencionados anteriormente nessa pesquisa, Segundo Prous (1992, p. 293) “Os “cerritos” ou cômoros”, são sítios construídos, montículos cujo sedimento, diferentemente dos sambaquis, é de origem essencialmente mineral”. Diferentemente dos portadores das Tradições Umbu ou Humaitá, os quais a classificação é feita a partir da indústria lítica, a tradição Vieira é a produção de cerâmica, ainda que pouco numerosa conforme Prous (1992), vasilhames com formas simples.

Ainda temos a tradição Guarani a qual circulou na região deste estudo, esta tradição advinda segundo Melchiades (2017) da tradição cerâmica Tupiguarani, formada por grupos que saíram da Amazônia central e se espalham pelo território brasileiro, ramificando-se e, quando chegam ao Rio Grande do Sul, retornam ao longo do litoral atlântico até a desembocadura do rio Amazonas. Para Melchiades (2017), a cerâmica que identifica essa tradição é variada e abundante, geralmente mais espessa do que as outras e de tamanhos muito variados, sendo desde pequenos potes até urnas funerárias.

Segundo Schmitz (2006, p. 36), os Guaranis viviam “em terras geralmente mais frias, cultivavam o milho, o aipim, o feijão, a batata doce, as abóboras, que, para cujo preparo, necessitam outras formas de artefatos cerâmicos”. Os sítios Guaranis se espalham pelo Rio Grande do Sul devido a sua constante migração, e contêm alguns elementos de outras tradições, uma vez que a interação e/ou assimilação e/ou contato com outros grupos indígenas era constante (MELCHIADES, 2017).

Os Guaranis tiveram contato com os povos ibéricos na sua chegada, pois segundo

Soares e Klamt (2005, p. 50), “a língua dos Guaranis atuais é a mesma que foi falada para os jesuítas do século XVII, e os objetos descritos pelos padres desta época são os mesmos que encontramos em escavações arqueológicas”.

A tradição Umbu, conforme Becker (2006), deu início à formação de dois grupos étnicos, os quais, quando os colonizadores ibéricos aportaram no atual Uruguai e estabeleceram os primeiros contatos, a partir do século XVI, já viviam nessa região e ficaram conhecidos como Charruas e Minuanos.

Sendo assim, dentre essas coletividades humanas que circulavam pela atual região do estudo, destacamos os grupos étnicos Charruas os quais são povos descendentes da tradição Umbu, como mencionado anteriormente, grupos humanos anteriores a estes grupos que habitaram a atual região do Pampa, no sudoeste gaúcho, norte do Uruguai e partes da Argentina. Como aponta Ribeiro (1997), eram povos distintos do grupo étnico Minuano, embora fossem descritos como o mesmo grupo, como aponta Favre (1994), eram percebidos como constituindo um único grupo.

Segundo Becker (2006, p. 135):

Os Charruas e Minuanos, caçadores, pescadores, coletores dos campos, ocupavam a antiga Banda Oriental do Uruguai, que dividiam com dois grupos horticultores conhecidos como Chaná e Guarani. Especificamente no Rio Grande do Sul os Charruas e Minuanos estavam localizados nos campos do Sudoeste e Sudeste até a altura dos rios Ibicuí e Camaquã com extensões para o pampa uruguaio e pequena porção do território argentino. Os Charruas moravam mais para o oeste, ocupando ambas as margens do Rio Uruguai e tiveram maior contato com o conquistador espanhol; os Minuanos se localizavam mais para leste, nas áreas irrigadas pelas lagoas dos Patos, Mirim e Mangueira, com extensão até as proximidades de Montevidéu; tiveram maior contato com os portugueses.

Um dos motivos desta percepção histórica acerca dos Charruas e dos Minuanos como um único grupo social pode-se dizer, surgiu no século XVIII, no início da expansão sobre o território indígena pelas coroas portuguesa e espanhola, esta penetração das coroas sobre os territórios nativos, diríamos, forçou estes a se aproximarem e os colonizadores, deste modo, os viram somente como um único grupo indígena.

Estes grupos humanos, segundo Garcia e Milder (2012), se localizavam a princípio em territórios distintos, os Charruas a oeste do rio Uruguai, junto as margens deste rio, enquanto que os Minuanos a leste, estendendo-se até as planícies do litoral do Atlântico Sul. Posteriormente, como mencionado acima, devido a interiorização dos colonizadores em direção as terras indígenas houve uma aproximação.

Com o advento da colonização ibérica no século XVI tanto os Charruas como Minuanos, ambos caçadores coletores e pescadores, a partir do contato com os colonizadores

incorporaram um elemento novo, o cavalo e o gado bovino, introduzidos pela expedição de Solís em 1536, visto que, estes dois novos elementos se tornarão o meio de transporte e consumo destes povos.

Neste estudo destacamos os Charruas, habitantes da região desta pesquisa no passado colonial, em que, segundo Becker (2006), passaram a utilizar o cavalo nos deslocamentos, caça, guerras e a tornam-se pequenos criadores de gado, que deste, aproveitavam a carne e o couro como vestuário.

## 2.6 A INDÚSTRIA CERÂMICA NO URUGUAI

A indústria cerâmica no Uruguai corresponde aos caçadores coletores especializados ceramistas. Para sistematizar esta indústria Antônio Serrano (1972), desenvolveu um sistema com 3 níveis: a cultura Entrerriana ou básica da costa, cultura dos Ribeirenhos Plásticos que desenvolvendo-se a partir da anterior, apresenta os típicos elementos decorativos plásticos, fazem do amplo uso do sulco rítmico e pintura bícroma, e, por último, a tradição *Tupiguarani*. Segundo Serrano (1972) os portadores da cultura Entrerriana foram grupos de pescadores e coletores, que habitaram os cerritos localizados ao longo dos rios ou banhados.

A cerâmica da cultura Entrerriana, de acordo com Serrano (1972), apresenta, geralmente, antiplástico de areia, empregando como técnica decorativa o penteado e incisões, sendo os motivos mais freqüentes em zig-zag, gregas, ponteados em zonas, etc.

O início desta cultura pode ser datado, segundo Hilbert (1994), ao redor de 2.450 AP (antes do presente), continuando em alguns sítios inclusive até a chegada dos colonizadores ibéricos. No transcurso do tempo, a cultura Entrerriana assimilou alguns elementos próprios da tradição dos Ribeirenhos Plásticos (sulco rítmico, vasilhas tubulares, etc.), permanecendo, não obstante, como unidade cultural paralela a esta tradição e a tradição Tupiguarani.

As fases principais da cultura Entrerriana, conforme Hilbert (1994), são a de Arroyo Sarandi, Ibicuí, Salto Grande e Colônia Concórdia. A cultura Entrerriana de grupos pescadores e caçadores, se caracteriza arqueologicamente por fabricar vasilhames globulares o subglobulares com antiplástico de areia grossa e decoração e incisões. Os zig-zag, as gregas e ponteados em zonas. A cultura dos Ribeirenhos Plásticos segundo Hilbert (1994), desenvolve-se a partir da cultura Entrerriana, incorporando e transformando esta cultura com a adição de novos elementos. Ainda Hilbert (1994) menciona as decorações plásticas zoomorfas como aves e humanas, antropomorfas, a presença de vasilhames tubulares, o amplo uso do sulco rítmico nos motivos decorados, o frequente emprego da pintura, que acrescenta cor branca ao tom

vermelho já conhecido.

A tradição Tupi-guarani evidencia-se através de achados na região deste estudo; os quais selecionou-se os artefatos cerâmicos para esta pesquisa, esta tradição foi subdividida (BROCHADO *et al.*, 1969), com base na predominância estatística de tipos de decoração da superfície de seu vasilhame cerâmico em três conjuntos: a Subtradição Pintada, a Subtradição Corrugada e a Subtradição Escovada. Ainda, conforme Brochado (1969), a tradição mais antiga é a Pintada e a mais recente, a Escovada. Brochado (1984), aponta certa diferença na distribuição espacial dessas subtradições, especialmente das duas primeiras: a subtradição Pintada é mais recorrente desde o Estado de São Paulo para o Norte, principalmente nas áreas litorâneas das regiões Sudeste e Nordeste.

A subtradição Corrugada é mais recorrente no sul do Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul, bem como os países vizinhos como o Uruguai, no caso dessa pesquisa os fragmentos cerâmicos dessa subtradição foram encontrados no Departamento de Rivera. Em determinados lugares como na Argentina ao longo dos rios Paraná, Uruguai e Prata e o leste do Paraguai; outra subtradição, a Escovada possui uma distribuição muito mais restrita, ocorrendo, principalmente, no Rio Grande do Sul, nas bacias do rio Uruguai e Jacuí (Figura 8).

Figura 8 - Área de dispersão da tradição Tupiguarani, Subtradição Corrugada.



Fonte: NOELLI, 1999, p. 248. Adaptada pelo autor.



### 3 DESCRIÇÃO DOS ARTEFATOS LÍTICOS SELECIONADOS PARA O PRODUTO DESTE ESTUDO

Neste estudo foram selecionados artefatos líticos da coleção do Museu do Patrimônio Regional na cidade de Rivera no Uruguai. A coleção, conforme menciona o professor Eduardo Palermo, pesquisador e atual diretor do referido museu, tem cerca de 15000 peças entre artefatos líticos e cerâmica, muitas procedentes da região da pesquisa e outras de diversos departamentos do Uruguai e Santana do Livramento.

A maioria das peças líticas foram achadas nos departamentos de Rivera, Tacurembó, Artigas, Rio Negro, Salto, Durasno e Rocha, bem como em Santana do Livramento. Predominam artefatos coletados na superfície, as escavações são poucas.

Os artefatos selecionados visam atender uma proposta de estudo na Educação Básica, Ensino Fundamental dialogando com a disciplina de história, porém conectando a geografia, a biologia, um olhar interdisciplinar abordando o tema da ocupação pré-histórica ou pré-colonial, na região da fronteira Brasil e Uruguai, antes da chegada dos colonizadores ibéricos. Sendo assim, numa perspectiva ampla visando caracterizar tipologias, enquanto morfologia dos artefatos escolhidos inteligível, cognoscível, julgou serem representativos cinco artefatos líticos e três cerâmicos para discorrer neste estudo. Pensamos na categoria tempo como forma de estabelecer as relações entre passado e presente, tipologias e as técnicas empregadas na confecção destes artefatos selecionados em função da faixa etária dos educandos, 6º ano do Ensino Fundamental.

O material lítico selecionado neste estudo foi encontrado em superfície, na região do departamento de Rivera, conforme o professor Palermo, foi produzido a partir da técnica de lascamento e abrasão. O grupo dos instrumentos abrasonados, como aponta Silva (2017, p. 109), [são] “todas aquelas peças que *a priori*, não foram produzidas mediante técnicas de percussão, mas sim por meio do que, tradicionalmente, é entendido enquanto “polimento” na arqueologia pré-histórica”, correspondem bolas de boleadeira, rompe-cabeças e quebra-coquinho com depressão semi-esférica polida, morteiro. Conforme Silva (2017), os gestos utilizados na fabricação dos instrumentos abrasonados envolvem o contato direto contra a matéria usando diretamente a força muscular. Silva (2017) ainda menciona que, para a fabricação desses artefatos, o agente utilizado como abrasivo deve ser mais duro que o objeto a ser trabalhado para que sua forma seja originada do desgaste resultante desse contato.

A matéria-prima, de acordo com Palermo (1999), é composta por arenito salicificado e basaltóides. Como aponta o autor, foram realizados os processos de limpeza e catalogação

de todo o material lítico e cerâmico pela equipe técnica do museu de Rivera. A sequência, a seguir, da Figura 9 até a Figura 15, ilustram alguns exemplares do material pesquisado.

Figura 9- Exemplar da indústria lítica catalanenese, raspador retocado.



Fonte: Fotografia do autor. Museu do Patrimônio Regional de Rivera, Uruguai, 2020.

Figura 10 - Exemplar de um rompe cabeças dos caçadores coletores especializados.



Fonte: Fotografia do autor. Museu do Patrimônio Regional de Rivera, Uruguai, 2020.

Figura 11 - Exemplar de bolas de boleadeiras dos caçadores coletores.



Fonte: Fotografia do autor. Museu do Patrimônio Regional de Rivera, Uruguai, 2020.

Figura 12 - Exemplar de quebra-coco dos caçadores coletores especializados.



Fonte: Fotografia do autor. Museu do Patrimônio Regional de Rivera, Uruguai, 2020.

Figura 13 - Exemplar de morteiro, almofariz e pilão dos caçadores coletores especializados.



Fonte: Fotografia do autor. Museu do Patrimônio Regional de Rivera, Uruguai, 2020.

Figura 14 - Fragmento de cerâmica estilo corrugada.



Fonte: Fotografia do autor. Museu do Patrimônio Regional de Rivera, Uruguai, 2020.

Figura 15 - Fragmento de cerâmica estilo ungulada



Fonte: Fotografia do autor. Museu do Patrimônio Regional de Rivera, Uruguai, 2020.

### 3.1 A TECNOLOGIA E SUA IMPORTÂNCIA NAS SOCIEDADES PRETÉRITAS NA REGIÃO DA PESQUISA

Ao discorrer sobre as técnicas e a tecnologia empregadas na produção dos artefatos líticos pelas sociedades pretéritas, torna-se necessário rever as ideias do sociólogo francês Marcel Mauss o qual, estudando sociedades e coletividades humanas passadas, como aponta Lévis Strauss (1950), o pesquisador francês evidencia que o corpo é o primeiro instrumento universal colocado a disposição do homem. Segundo o autor, os gestos, os comportamentos, as técnicas aprendidas e incorporadas refletem mais que aspectos orgânicos e biológicos, pois refletem um contexto social o qual através da educação é transmitido ao indivíduo um modo específico de uso do corpo.

Mauss (1947) definiu a técnica como atos tradicionais, transmitidos de uma geração a outra através da educação internalizando gestos, condutas; um processo complexo que envolve aspectos fisiológicos, sociais e psicológicos. Silva (2017) aponta que, para Mauss o estudo das técnicas de manufatura possibilita classificar os tipos de indústria como as sociedades as quais produzem os artefatos e descrever sua utilização. Conforme Silva (2017), o pesquisador francês propõe o desenvolvimento de um quadro classificatório das sociedades em função de suas técnicas e classifica as sociedades em três modalidades: 1º histórica e geograficamente; 2º psicologicamente e fisiologicamente; 3º por “sistema de indústrias”. Ainda Silva (2017) menciona que a partir desses elementos seria possível compreender o sistema técnico de uma determinada sociedade e classificá-la em função do mesmo.

Nos estudos da pré-história a noção de indústria faz-se necessário discutir, pois a princípio, pode parecer como algo incompatível com aos modos de produção da pré-história. Entretanto, esse termo indústria veicula um contexto histórico e social do século XIX, onde o processo de mecanização e automatização da produção acabou tornando-se sinônimo de industrialização. Como aponta Leclerc & Tarrête (1997, p. 538), o termo indústria é empregado para caracterizar o conjunto das técnicas e das atividades pelas quais a humanidade transforma a matéria-prima em produtos, objetos; e, nesse sentido, se pensarmos o conceito de indústria, não seria exclusivamente um sinônimo de mecanização ou automatização dos meios de produção, mas corresponde a todo o ato de transformação da matéria, por meio das técnicas, em produtos.

Outro pesquisador, André Leroi-Gourhan, colaborou para ao entendimento das sociedades pretéritas através da interpretação das técnicas, a cultura material. Segundo Silva (2017), a corrente desenvolvida por Leroi-Gourhan é antes de tudo de cunho etnológico, e

desta forma, Gourhan guiou seu olhar para estudar os testemunhos materiais e as técnicas como um elemento constituinte do homem enquanto ser social e zoológico. Assim sendo, como afirma Audouze (2002), Leroi-Gourhan considerava que a tecnologia seria um dos únicos meios de conhecimento capazes de retrair a trajetória da evolução humana, desde os tempos mais remotos até o presente.

Como aponta Leroi-Gourhan, a tecnologia não pode ser pensada de modo isolado, sendo necessário compreendê-la a partir da relação estabelecida entre a sociedade e o meio circundante. Nesse sentido, Silva (2017) menciona que Leroi-Gourhan desenvolverá a noção de meio técnico. Silva (2017) aponta que o autor concebe o “meio técnico” como uma importante parcela do meio social onde estaria inscrita a totalidade da atividade técnica, entretanto, este não se manifestaria de maneira isolada, estando em contato constante com a amalgama de elementos que constitui as relações sociais.

Como menciona Leroi-Gourhan o meio interno, compreendendo todos os elementos específicos à vida coletiva dos grupos étnicos e seria essencialmente dinâmico e instável. Para o autor, neste meio está inserida toda a complexa rede de tradições conceituais particulares de cada sociedade.

Ainda, o autor afirma que este meio estaria em constante diálogo com o meio externo que o envolve. Para Leroi-Gourhan, conforme Silva (2017), seria também o substrato sob o qual cada coletividade projetaria suas concepções mentais. Ainda Silva (2017) aponta que o autor entende a sociedade a partir de um ponto de vista biológico, de modo que esta seria comparável a uma célula animal, cujo conteúdo sofreria constantes reajustes em função de sua dialética com o meio. Silva (2017) menciona que Leroi-Gourhan (1964) reconhece que o desenvolvimento do agrupamento social está diretamente vinculado ao desenvolvimento da técnica e da linguagem.

Na dialética com o meio, conforme Silva (2017), a tecnologia assume um papel de mediadora das relações entre os meios interno e externo, uma vez que do mesmo modo que para os animais ou plantas em que os produtos do meio natural não estão diretamente assimiláveis demandando órgãos especializados para obtê-los. O grupo humano assimilaria seu meio a partir de um invólucro de objetos.

Envolto nesta película interposta ele alimenta-se, protege-se, descansa e se desloca. Diferentes das espécies animais, que possuem um capital fixo de meios de aquisição e de consumo os homens são todos sensivelmente iguais na sua nudez, aumentando por meio de atos conscientes a eficácia das suas unhas e da sua pele. O estudo desse invólucro artificial é a tecnologia, as leis de desenvolvimento pertencem à economia técnica (LEROI-GOURHAN,

1984b, p. 253).

Analisemos o termo cadeia operatória o qual pode ser visto enquanto um método analítico voltado para a interpretação da tecnologia, segundo Silva (2017), a partir da decomposição da ação técnica em sequências e operações, permitindo identificar estratégias e escolhas que traduzem conceitos das sociedades que as desenvolveram.

Como afirma Boëda (2006, p. 43):

[...] totalidade das etapas técnicas, desde a aquisição da matéria prima até o seu descarte, passando pela sua transformação e utilização. A análise tecnológica também nos permite determinar o saber fazer (*savoir faire, knowhow*) e os conhecimentos (*connaissance, knowledge*) necessários para a realização da cadeia operatória. Cada etapa técnica reflete conhecimentos técnicos específicos

Leroi-Gourhan (1964), conforme Silva (2017) não foi o primeiro pesquisador a utilizar o termo cadeia operatória, porém foi o principal responsável pela popularização desse conceito e, sobretudo, seu emprego enquanto ferramenta de análise aos testemunhos materiais pré-históricos. Silva (2017) ainda aponta que a cadeia operatória não pode ser tomada enquanto fim em si mesmo, mas como um meio para atingir o nível conceitual a partir de um fragmentado substrato material, ou seja, uma maneira de buscar compreender elementos da mentalidade social dos povos pretéritos expressos na materialidade. Conforme Silva (2017), o uso do conceito de cadeias operatórias por pesquisadores de pré-História acerca das indústrias líticas está relacionado com a mudança de uma perspectiva tipológica para uma tecnológica, a partir dos processos técnicos que estariam envolvidos em sua produção.

Se pensarmos nas sociedades pretéritas, as quais este estudo discorre, a pergunta norteadora desta pesquisa será qual o entendimento dos educandos, da Educação Básica do Ensino Fundamental, acerca dessas sociedades como históricas.

Nesse sentido, pode-se pensar a historicidade dessas sociedades a partir das perspectivas de Leroi-Gourhan e as técnicas segundo o qual o comportamento técnico do homem se expressa em três níveis, sendo eles: o específico, o sócio-étnico e o individual. O primeiro nível, Silva (2017) menciona que estaria relacionado aos comportamentos ligados à natureza biológica, herdados de nossa constituição enquanto *homo sapiens*, ao longo de um processo evolutivo que culminou em nossa estrutura fisio-psicológica atual. O nível específico, segundo Silva (2017), serviria como pano de fundo caracterizado por uma inteligência técnica geneticamente determinada, dependente da evolução natural. Silva (2017) compara esse nível ao comportamento animal, automático e instintivo, baseado nos limites adquiridos pela tradição.

O nível socio-étnico, como aponta Fogaça (2003), Gourhan relaciona à coletividade que

evoluiu. Nesse nível, existe a influência dos efeitos da educação, da aquisição de um comportamento operatório por intermédio da aprendizagem. Silva (2017) menciona que o comportamento socialmente elaborado corresponderia a dimensão sócio-étnica, onde a inteligência humana se manifestaria de uma maneira única, cunhando um organismo coletivo, embasado em uma memória socialmente construída. Nesse sentido temos a passagem de uma evolução cultural regida pela ritmicidade biológica, para uma dominada pelos fenômenos sociais (LEROI-GOURHAN, 2002a, p.144).

No nível individual, a espécie humana apresenta uma capacidade única de aprendizagem, estando o indivíduo em condições de se emancipar dos laços genéticos e socioétnicos. Isso está diretamente relacionado, conforme Leroi-Gourhan (2002 p. 17), com a evolução do nosso sistema nervoso onde os trajetos enriquecer-se-iam progressivamente com as novas séries de elementos conectivos aptos a relacionar situações experimentadas e as situações novas. Dessa forma, pode-se pensar a historicidade das sociedades pretéritas através de sua experimentação enquanto etapas no seu desenvolvimento cognitivo, habilidades para atender suas necessidades de sobrevivência.



#### **4 PRODUTO: PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS HISTÓRICAS PRODUZIDAS NAS OFICINAS SOBRE A PRÉ-HISTÓRIA**

O presente estudo tem por objetivo analisar o pensamento histórico dos educandos da Escola Municipal de Educação Fundamental Paulo Freire, a partir da interação com os artefatos líticos e cerâmicos do Museu do Patrimônio Regional de Rivera no Uruguai para, em seguida, num exercício de reflexão sobre estas culturas, elaborar réplicas dos artefatos líticos e cerâmicos através de oficinas.

Ao trabalhar com o espaço museal e seus objetos para estudar o passado pretende-se evidenciar como é possível estimular os educandos do 6º ano do ensino fundamental a pensar historicamente a partir do objeto gerador do conhecimento em exposição no museu e demonstrar como eles são capazes de produzir narrativas históricas. Para isso ser possível, foi produzido, como produto da dissertação, um material didático auxiliar<sup>5</sup>, intitulado “Caderno do Professor”, elaborado a partir desta experiência.

Antes da visita dos alunos ao museu deve-se verificar as possibilidades do museu, enquanto atividades e práticas educativas oferecidas, ou articular ações pedagógicas para serem realizadas neste espaço, integrando os conteúdos da disciplina de história abordados em sala de aula, conforme afirma Libâneo (1994, p. 222):

O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. [...] A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo; é, antes, a atividade consciente de previsão das ações docentes, fundamentadas em opções político-pedagógicas, e tendo como referência permanente as situações didáticas concretas.

A visita ao museu deve ser planejada, pois esta visita precisa ser discutida com os discentes, destacando-se os aspectos do conteúdo ou o tema que será trabalhado, o significado do museu, os interesses e a participação ativa, enquanto sujeito na produção do conhecimento histórico, manifestado e evidenciado através de uma narrativa histórica, após a visita ao museu. (SCHMIDT e CAINELLI, 2004, p. 123).

Dessa forma, esta visita ao museu foi articulada com o conteúdo trabalhado em sala de aula, *As sociedades pré-coloniais na fronteira Brasil Uruguai: um olhar para além do*

---

<sup>5</sup> Disponível ao final da pesquisa, na seção de Apêndices, p. 63.

*colonizador Europeu* e também com os interesses dos alunos e do professor.

Durante a visita ao museu o professor deverá exercer o papel de mediador, indivíduo que questiona o conhecimento histórico, o conteúdo trabalhado em classe e suas relações com os objetos do museu.

Durante a visita ao Museu do Patrimônio Regional de Rivera o olhar do educando deverá ser direcionado acerca de determinados objetos, pois no museu “ *el objeto portado de informaciõn se convierte en un documento, en una fuente de dados tal como lo es el documento escrito*” (BLANCO 1994, p. 8). Os objetos nos falam das necessidades humanas, das relações humanas, dos costumes e crenças dos homens de sociedades pretéritas e atuais, ou seja, os objetos são portadores de informações do passado e sobretudo das sociedades sem escrita (BLANCO, 1994).

Durante a visita ao museu os educandos podem ser orientados aos objetos previamente selecionados referentes a pesquisa, momento de experimentação empírica visual do acervo e seus objetos. Os artefatos no museu têm sua materialidade, e sua imaterialidade (POMIAN, 1974). Os objetos podem, também, através da sua materialidade, identificar grupos sociais, relações de prestígio, simbolizar um determinado tempo. Nessa perspectiva de Educação Histórica, o objeto/documento do museu não é visto como prova do real (do passado), tampouco é tomado como mera ilustração do discurso do texto didático. O uso do objeto histórico como documento na visita ao museu é visto na sua dimensão de evidência histórica, pela qual o estudante precisa aprender a fazer perguntas, os objetos nesta pesquisa serão questionados.

Nesse sentido, a definição do conteúdo: *As sociedades pré-coloniais na fronteira Brasil Uruguai: um olhar para além do colonizador Europeu*, estudada a partir da visita ao Museu do Patrimônio Regional de Rivera atende, antes de tudo, à preocupação do uso dos “objetos/documentos” sobre a vida dos índios como método de investigação.

Os estudos acerca das sociedades pretéritas que ocuparam a região desta pesquisa são relevantes por estes terem sido os primeiros habitantes destas terras do Brasil meridional na fronteira sudoeste do Brasil e noroeste do Uruguai. A preocupação em caracterizar os grupos humanos que habitavam a região do Bioma Pampa é a de possibilitar a compreensão da existência de outras coletividades humanas, as quais, a partir de sua materialidade, cultura material estudada, poderá apresentar especificidades, singularidades de costumes, diferentes modos de vida, alimentação, evitando-se criar uma representação desses sociedades passadas como a-históricas, sem história.

O conhecimento sobre os costumes e as relações sociais de povos indígenas pretéritos

possibilita aos alunos dimensionarem, em um tempo longo, as mudanças ocorridas naquele espaço onde vivem e, ao mesmo tempo, conhecerem costumes, relações sociais e de trabalho diferentes do seu cotidiano.

#### 4.1 A VISITA AO MUSEU DO PATRIMÔNIO REGIONAL DE RIVERA

A visita, propriamente dita, não foi possível realizar com os educandos devido a logística de transporte, acrescido das condições climáticas e da localização da escola no campo, porém pretendo realizá-la em um momento oportuno, com outra turma do 6º ano da escola que trabalho. Um das formas encontradas para realizar essa atividade mediada pela Educação Patrimonial foi fotografar no Museu do Patrimônio Regional de Rivera os artefatos líticos e cerâmicos selecionados por mim e o professor Eduardo Palermo.

Dessa forma, realizei uma breve discussão da proposta de estudo pensando o educador o qual deve, além de conhecer antecipadamente o museu e os objetos, definir, a partir da organização do museu, seu planejamento.

Organizar a visita implica saber os horários de funcionamento, o número de educandos que podem visitar e a necessidade de acompanhante ou guias. Na escola o educador deve se preocupar, antes de tudo, em organizar, junto a direção da escola, a contratação de transporte, e o acerto dos horários de saída e chegada do ônibus, assim como definir o dia da visita ao museu e a reorganização do horário das aulas na escola. Na minha proposta de pesquisa no museu, pretendo acompanhar os educandos pessoalmente os quais deverão levar uma ficha de identificação do objeto entregue ainda em sala de aula, na qual anotarão os dados solicitados, a partir da interação com os objetos indicados, os educandos terão um tempo determinado de sensibilização com os objetos para apreciação e visualização dos mesmos.

Nesta visita os educandos serão orientados pelo professor de história e monitor do acervo do museu, a atentar-se a alguns artefatos previamente selecionados e dispostos, para análise dos estudantes, numa sala separada para que possibilite a observação, fazer notações e fotografias, possibilitando um olhar atento em cada objeto, fomentando a discussão crítica e a investigação de vários pontos dos objetos.

Na sequência, as sociedades pretéritas serão discutidas a partir dos objetos, artefatos líticos e cerâmicos, e questionamentos serão levantados, tais como:

- a) *Como viviam os primeiros grupos que habitavam a região do estudo?*
- b) *Que lugares ocupavam?*

- c) *Quais as suas formas de subsistência?*
- d) *Do que se alimentavam?*
- e) *Como se relacionavam com o meio ambiente em que viviam?*
- f) *Como caçavam?*
- g) *Como pescavam?*
- h) *Como eram seus objetos?*
- i) *Quem utilizava o objeto?*
- j) *Qual a utilidade do objeto?*
- k) *Quem fabricava o objeto?*
- l) *Como era fabricado o objeto?*
- m) *De que período histórico são esses povos?*
- n) *Quais eram as suas organizações políticas e religiosas?*

No museu, os educandos acompanhados pelo professor do componente curricular de História, bem como orientados pelos monitores do Museu do Patrimônio Regional de Rivera, devem ouvir atentamente a narrativa do monitor, visualizar a exposição dos artefatos líticos e cerâmicos no intuito de serem estimulados pelo professor a questionar sobre os artefatos selecionados.

Após a visualização dos artefatos na exposição selecionada pelo professor de história os alunos terão um tempo para preencher a ficha distribuída em sala de aula, onde deverão anotar e desenhar nas fichas, conforme as orientações do professor.

Em sala de aula o professor orientará os alunos em grupo a reverem suas fichas com as anotações e desenhos feitos na visita ao museu, ou seja, aperfeiçoar os desenhos, rever os dados acerca dos objetos, discutir, analisar estes dados e concluir as perguntas com respostas mais elaboradas e após produzirão um cartaz mostrando sobre:

- a) *Tecnologia e função de cada um desses objetos;*
- b) *Período histórico o qual estes artefatos foram produzidos;*
- c) *Semelhanças e contrastes entre as épocas em que esses objetos eram utilizados e a atualidade;*
- d) *Diferentes grupos humanos que construíram os objetos;*

Após a produção do cartaz os grupos apresentarão a turma, que selecionará uma equipe para apresentar as outras turmas.

Ao final dos trabalhos, todas as equipes irão fixar os cartazes no saguão, entrada da escola, formando um painel, para socializar com toda a escola o seu estudo.

Outra etapa será uma oficina experimental sobre a pré-história local, região do estudo; os alunos mediados pelo professor de história farão réplicas dos artefatos líticos e cerâmicos em massa de *biscuit* com intuito de uma maior sensibilização, além disso, pretende-se a produção de um material didático com texto e jogos sobre o tema referido no estudo.

Nesta proposta de trabalho, em sala de aula, foram feitas réplicas dos artefatos líticos selecionados neste estudo, a partir de fotografia feitas pelo autor desta dissertação.

#### 4.2 RÉPLICAS DE ARTEFATOS LÍTICOS PRODUZIDOS PELOS EDUCANDOS DO 6<sup>a</sup> ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA E.M.E.F PAULO FREIRE

A sequência das Figuras 16 a 19, a seguir, ilustram as réplicas dos artefatos líticos construídos pelos educandos da turma do 6<sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Freire, participantes da pesquisa:

Figura 16 - Raspador e Rompe Cabeças, respectivamente.



Fonte: Fotografia do autor, 2020.

Figura 17 - Almofariz e Pilão



Fonte: Fotografia do autor, 2020.

Figura 18 - Bolas de boleadeiras



Fonte: Fotografia do autor, 2020.

Figura 19 - Conjunto de artefatos líticos.



Fonte: Fotografia do autor, 2020.

Após esse trabalho, será proposto aos educandos questões com objetivo de evidenciar a consciência histórica, como:

- 1) *O que você entendeu sobre a pré-história, a partir da visita ao Museu Municipal do Patrimônio Regional de Rivera?*
- 2) *Que fontes históricas você conheceu no museu?*
- 3) *A partir do que foi visto no museu e estudado em sala de aula, conte a um amigo, através de uma narrativa, sobre as sociedades pré-coloniais que viveram na região da pesquisa.*



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou uma reflexão sobre a metodologia de ensino de história para o 6º ano, Educação Básica, sobre as sociedades pré-coloniais ou pré-históricas, a partir da cultura material lítica e cerâmica. Procurou-se evidenciar, por meio da percepção visual, sensitiva e narrativa qual é o entendimento pelos educandos acerca dos povos pré-coloniais que ocupavam estas regiões do Pampa como sociedades e grupos humanos históricos.

Como resultado, acredita-se que as sociedades pretéritas locais desenvolveram técnicas para produzir seus instrumentos os quais utilizavam com diferentes finalidades. Nesse sentido, segundo o comportamento técnico do homem expresso em três níveis, o específico, o sócio-étnico e o individual transmitem suas técnicas através da tradição, ao contrário do animal mediado pela hereditariedade.

Outro resultado, seria aquele vinculado a questão norteadora desta pesquisa acerca dos educandos, pois passaram a perceber as sociedades passadas como históricas, ou seja, os educandos ao conhecerem os artefatos da cultura lítica e cerâmica, puderam entender as sociedades pretéritas como capazes de produzir e suprir sua existência e não como sociedades primitivas, “sem história”. Assim, a metodologia da Educação Patrimonial e a oficina experimental foram ferramentas eficazes como prática pedagógica.

Conclui-se que as sociedades humanas pretéritas produziram seus instrumentos, artefatos líticos e cerâmicos, porém percebeu-se que os grupos humanos do passado tiveram diferentes estágios culturais, e quando mais longe do presente mais rudimentares eram seus artefatos. Todavia, atendiam as expectativas, e as necessidades para a sobrevivência desses grupos do passado.

Ainda, essa temática possibilitou refletir sobre outras temporalidades, um tempo o qual pouco se sabe, dessa forma, também conclui-se, que dialogar com a cultura material disponibilizada nos espaços de memória ou espaço museal é significativa na busca por possíveis respostas a indagações do presente, de modo que possamos saber, ainda que muito restritamente, acerca das sociedades de tempos remotos.



## REFERÊNCIAS

- ASPIS, Renata Pereira Lima. **O professor de Filosofia: o ensino de Filosofia no Ensino Médio como experiência filosófica.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004.
- AUDOUZE, Françoise. Leroi-Gourhan, **a Philosopher of Technique and Evolution.** In: *Journal of Archaeological Research*, Vol. 10, No. 4, December - 2002.
- BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do projeto à avaliação.** In: **Para uma educação histórica de qualidade. Actas das IV Jornadas internacionais de Educação Histórica.** Braga (PT): Ed. Universidade do Minho, 2004.
- BECKER, Itala Irene Basile. **O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul.** p.125-147. In.SCHMITZ, Pedro Ignacio.NAUE, Guilherme. Itala Irene Basile. Pré-história do Rio Grande do Sul.Instituto Anchieta de Pesquisas-UNISINOS São Leopoldo,RS,Brasil.2006
- BELLANCA, E.T. & SUERTEGARAY, D.M.A. **Sítios Arqueológicos e Areais no Sudoeste do Rio Grande do Sul.** *Mercator -Revista de Geografia da UFC*, ano 02, n. 4, 2003. p. 99-114.
- BLANCO, Ángela García. **Didáctica Del Museo. El descubrimiento de los objetos.** Ediciones de La Torre, Madrid, 1994.
- BOËDA, Eric. Levallois: **Uma construção volumétrica, vários métodos, uma técnica.** *Canindé, Xingó: MAX*, vol.7, p. 37 -78, 2006.
- BÓRMIDA, Marcelo. **El Cuareimense: Una antigua industria lítica en el norte del Uruguay.** Publicaciones del Seminario de Estudios Americanos. Homenaje a Marques Miranda.Madrid,1964.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** 4. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, P. **Memória e sociedade: nota de apresentação.** In: \_\_\_\_\_. *O poder simbólico.* 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b. 322 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A reprodução.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** MEC, Brasília, 2017, p.1-113.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF 1997

BROCHADO, José P., LAZZAROTTO, Danilo, STEINMETZ, Rolf. **A cerâmica das missões orientais do Uruguai. Um estudo de aculturação indígena através da mudança na cerâmica. Pesquisas**, Antropologia n.º 20. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1969, p. 169-208.

BROCHADO, José J. J. P. **An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South América**. Carbondale: University of Illinois at Urbana- Champaign, 1984 (Tese de Doutorado).

CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Tempo** [online]. 2006, v.11, n.21, p. 17-32.

CERRI, L.F. Os objetivos do Ensino de História: **Hist. Ensino**, Londrina, v. 5, p. 137-146, out. 1999.

CHEBATAROFF, Jorge. **El yacimiento lítico prehistórico del Arroyo Catalán Chico**. *Revista Nacional*, Montevideo, v. 60, p. 78-92. 1961.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. *Revista Portuguesa de Educação*, ano/vol. 16, n. 002. Universidade do Minho Braga, Portugal. 2003. Pg. 221-236

CONSENS, M. **PreHistória del Uruguay: realidad y fantasía**. Montevideo: Del Sur Ediciones, 2009. 194 p.

CRUZ, R. C.; D. L. GUADAGNIN. Uma pequena história ambiental do pampa: proposta de uma abordagem baseada na relação entre perturbação e mudança. In: COSTA, B. P.; QUOOS, J. H. DICKEL, M. E. G. (orgs.). **A sustentabilidade da Região da Campanha - RS: práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, Departamento de Geociências, 2010. 226 p

DEWEY, John. **Experiência educação**. 3 Ed. São Paulo Ed. Nacional, 1979

FAVRE, Oscar Padrón. **Sangre indígena en el Uruguay**. 3ed. Durazno: Libros del autor, 1994.

FOGAÇA, E. **Instrumentos líticos unifaciais da transição Pleistoceno-Holoceno no planalto central do Brasil: Individualidade e especificidade dos objetos técnicos**. *Canindé*, Xingó, v. 3, p. 9-36, 2003.

FOUCAULT, Michael. **A Microfísica do Poder**. 25 ed. Graal: 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 50ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

FUNARI, Pedro Paulo. **Desaparecimento e Emergência dos Grupos Subordinados na Arqueologia Brasileira, Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 131-153, dezembro de 2002.

GARCIA.A.M. **Reconhecendo Diferentes Fenômenos de Cerritos no Rio Grande do Sul**.2017.237p.Tese( Doutorado em Arqueologia) Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2017.

GARCIA,Anderson Marques.MILDER,Saul Eduardo Seiguer.**Particularidades Históricas e Culturais doscharruas e minuanos do Pampa Sul-americano.estudos históricos**. CDHRPyB-ANO IV.Nº8.Uruguay.Julho 2012.

GOMES. F. **Arqueologia e Pré-história Platina na Margem Esquerda do Médio Rio Uruguai**. Dissertação de Mestrado, Santa Maria: CPGMILA, 2002.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. 13ª ed.rev. e ampl. Campinas, SP: Papirus, 2012.

HILBERT, Klaus. **Arqueologia pré-histórica do Uruguai: Uma revisão**. *Estudos Ibero-Americanos*, vol. XX, n.1, Porto Alegre: PUCRS, 1991.

HILBERT, Klaus. **Aspectos de la arqueología en el Uruguay**. Mainz am Rhein: Von Zabern, 1991.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia pré-histórica do Uruguai: uma revisão**.Estudos Ibero-Americanos, v. XX, n.1, Porto Alegre: PUCRS, 1994.

HOELTZ, Sirlei Elaine. **Tecnologia lítica: uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias do Rio Grande Do Sul, Brasil, em tempos remotos**. Porto Alegre: PUC/RS, 2005.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO Adriane Queiroz. **Guia básico da Educação Patrimonial**. Museu Imperial/Deprom - Iphan – MINC. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia\\_educacao\\_patrimonial.pdf.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf). Acesso em 17 fev. 2020

KERN,Arno.**Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto,1991

KERN. Arno Álvarez, **Le pré-céramique du plateau sud-brésilien**. Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris : 1981.

LECLEC, J; TARRÊTE, J. Industries. In: LEROI-GOURHAN, André (Org.). **Dictionnaire de la Préhistoire**. Paris: Quadrige/PUF. 1997b.

LEROI-GOURHAN, André [1964]. **O gesto e a Palavra I: Técnica e Linguagem**. Lisboa: Edições 70, 2002a.

LEROI-GOURHAN, André [1945]. **Evolução e Técnicas II: O Meio e as Técnicas**. Lisboa: Edições 70, 1984b.

LIBÂNEO, Jose Carlos, **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 1994.

KLEIN, F. **Nuestro pasado indígena**. Montevideu: Ediciones B Uruguay S. A., 2012

LEMES, L. **O SÍTIO DO AREAL E A REGIÃO DO RINCÃO DO INFERNO: A VARIABILIDADE GESTUAL E O MODELO LOCACIONAL PARA A FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL**. 2008. 155p. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Universidade de São Paulo. 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude [1950]. **Introdução à obra de Marcel Mauss**. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAUSS, Marcel. **Manuel d'Ethnographie [1947]**. Québec: 1926.

MELCHIADES, C. E. F. **MAPEAMENTO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO RIO GRANDE DO SUL: UM PONTO, UMA LINHA E UM HORIZONTE**. 2017. 137p. Dissertação (Mestrado em História) Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2017

MILHEIRA, Rafael Guedes. **Arqueohistoriografia e identidade no contexto das pesquisas arqueológicas em Sambaquis**. Revista Virtual Ângulo. <http://www.cph.ipt.pt/cph/angu>. Acessado em 14/05/2020. Vol.2 2003.

MILDER S. E. S. (2000) **Arqueologia do Sudoeste do Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado apresentado a USP – MAE.

MORAN, José Manuel. **Mudar A Forma De Ensinar e De Aprender: transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual**. Revista Interações, São Paulo, 2000, p.2. Disponível: [http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias\\_eduacacao/uber.pdf](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/uber.pdf). Acesso em 20 de fev. 2020.

NÉRICI, I. G. **Didática geral dinâmica**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Científica, 1977.

PALERMO, Eduardo. **Banda Norte: una História de la frontera oriental**. Montevideu: Ed. Yatay, 2001.

POMIAN, K. Memória - **História**. Enciclopédia Einaudi, v. 1. Memória (Jacques Le Goff).

PEREIRA, Junia Sales; SIMAN, L. M. C. ; COSTA, C. M. ; NASCIMENTO, S. S. **Escola e Museu - diálogos e práticas**. 2ª ed. Belo Horizonte: Superintendência de Museus/Cefor Puc Minas, 2006. v. 1. 128 p.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. A Tradição Umbu no Sul do Brasil. In: **Revista do CEPA. V.17, nº 20, Santa Cruz do Sul**: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1990.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica I**. Brasília: Editora UNB, 2001. \_\_\_\_\_. **Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão**. In: SCHMIDT, Maria A. M. S.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR,

2011.

\_\_\_\_\_. **Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão.** In: SCHMIDT, Maria A. M. S.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história.** Curitiba: Ed. UFPR,

QUEIROZ, M. I. P. **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos e São Paulo: EDUSP, 1978.

RAMOS, Francisco. **A danação do objeto: o museu no ensino de história.** Chapecó: Argos, 2004.

RIBEIRO, (1990) A tradição Umbu no sul do Brasil. In: **Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, 5, Anais. Santa Cruz, v. 17. n. 20, p. 129-156.

RIBEIRO, (1991) Os caçadores pampeanos e a arte rupestre. In: KERN, A. (Org.) **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 103-133 pp

SÁ-SILVA, J.R.; ALMEIDA, C. D. De; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais.** Ano I, número I, julho de 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história.** São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMITZ. Pedro Ignacio. O Mundo da caça, da pesca e da coleta. In: **Pré-história do Rio Grande do Sul.** Documentos 05, 2ª Edição, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006.

SCHOBINGER, J. (1967) **PreHistória de suramerica,** Barcelona.

SERRANO, Antonio. 1972. **Líneas fundamentales de la arqueología del Litoral.** Una tentativa de periodización. Universidad Nacional de Córdoba, Instituto de Antropología 32.

SILVA, B. G. **Os sistemas de debitagem e a produção de suportes predeterminados no sítio pré-histórico Areal.** 2017.196p. Dissertação(Mestrado em Antropologia)-Universidade Federal de Pelotas.2017

SIMAN, Lana Mara de Castro, COSTA, Carina Martins, NASCIMENTO, Silvana Sousa do. **Escola e Museus: diálogos e práticas.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/ Cefor, 2007.

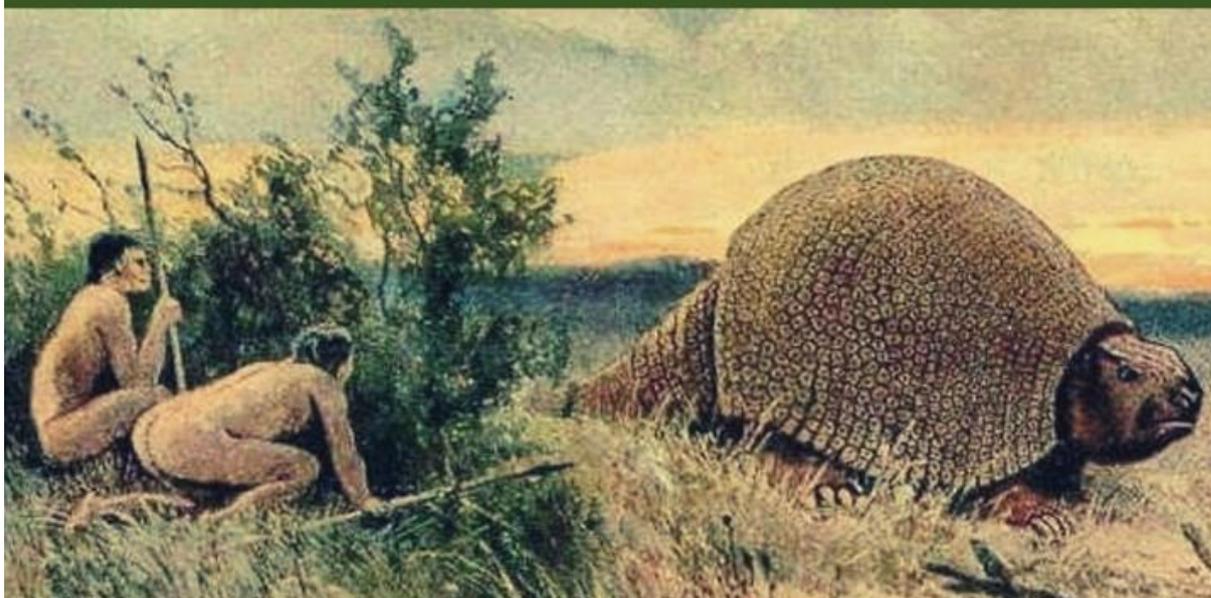
SOARES, André Luis Ramos; KLAMT, Sergio Celio. **Antecedentes Indígenas.** Porto Alegre: Martins Livreiro. 63 p. 2005

SOUZA.L.S. **Um estudo sobre a memória técnica de grupos humanos do holoceno, por meio da variabilidade técnica da cultura lítica, dos sítios arqueológicos castração e usina localizados em Uruguaiana - RS.**2018.148p. Dissertação(Mestrado em História)- Universidade Federal de Santa Maria.2018



APÊNDICE A - CADERNO DIDÁTICO DO PROFESSOR. p. 01/43.

CARLOS ROBERTO DE CASTILHO ROSA



**AS SOCIEDADES PRÉ- COLONIAIS  
NA FRONTEIRA BRASIL  
URUGUAI: UM OLHAR PARA  
ALÉM DO COLONIZADOR  
EUROPEU**

2020

APÊNDICE A - CADERNO DIDÁTICO DO PROFESSOR. p. 02/43.

AS SOCIEDADES PRÉ- COLONIAIS NA FRONTEIRA BRASIL  
URUGUAI: UM OLHAR PARA ALÉM DO COLONIZADOR EUROPEU

# CADERNO DIDÁTICO DO PROFESSOR

ELABORADO POR

CARLOS ROBERTO DE CASTILHO ROSA

SANTA MARIA, RS – 2020



MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA



As imagens dos objetos líticos utilizadas para ilustrar esta publicação pertencem ao acervo do Museu do Patrimônio Regional de Rivera, Uruguai. Este material está licenciado para uso não comercial, desde que seu conteúdo seja utilizado na íntegra, sem modificações e mediante citação da fonte.

## APÊNDICE A - CADERNO DIDÁTICO DO PROFESSOR. p. 03/43.

## ÍNDICE

❖ Apresentação .....	4
❖ Educação Patrimonial .....	6
❖ O museu e o ensino de história .....	8
❖ Planejamento para visitar um museu na perspectiva da Educação Patrimonial .....	10
❖ As sociedades humanas e a ocupação do Bioma .....	15
❖ Caçadores coletores não especializados .....	17
❖ Caçadores coletores especializados .....	18
❖ Caçadores coletores da tradição Umbu e Humaitá no Rio Grande do Sul .....	20
❖ Atividades .....	29
❖ Referências .....	40

## APRESENTAÇÃO

Este material didático, o estudo das "Sociedades Pré-Coloniais na fronteira Brasil Uruguai: Um olhar para Além do colonizador Europeu" foi elaborado para contribuir no atendimento das atividades pedagógicas dos docentes no ensino e aprendizagem da pré-história local e regional, do Ensino Fundamental, no estado do Rio Grande do Sul.

O conteúdo acerca das sociedades pré-coloniais na fronteira Brasil Uruguai foi definido a partir da visita ao Museu do Patrimônio Regional de Rivera, na cidade de Rivera, no Uruguai, fronteira com a cidade de Santana do Livramento, RS para pesquisar a vida dos povos indígenas a partir dos "objetos/documentos" do museu.

Os estudos acerca das sociedades pretéritas que ocuparam a região de Santana do Livramento fronteira com Rivera (Uruguai) são relevantes em virtude destes sujeitos terem sido os primeiros habitantes destas terras do Brasil meridional na fronteira sudoeste do Brasil e noroeste do Uruguai.

A preocupação em caracterizar os grupos humanos que habitavam a região do Bioma Pampa é a de possibilitar a compreensão da existência de outras coletividades humanas, as quais a partir de sua materialidade, ou seja, cultura material estudada, poderão apresentar especificidades, singularidades enquanto modos de vida, forma de ocupação do espaço físico, alimentação, saberes e fazeres, entre outros.



## APRESENTAÇÃO



Os povos nativos indígenas foram interpretados na historiografia brasileira como primitivos, inferiores, não civilizados, através de uma visão eurocêntrica, pejorativa que, discursivamente, criou estereótipos elevados a um patamar pouco dignificante os primeiros habitantes da América portuguesa e espanhola. Dessa forma deve-se questionar e desnaturalizar estes olhares preconceituosos acerca desses grupos sociais e reconstruir outras narrativas pensando na importância destes como sujeitos históricos.

Destacamos a metodologia da Educação Patrimonial para o estudo da cultura material utilizando os acervos museais disponíveis nos lugares de memória. Os artefatos arqueológicos líticos, cerâmicos, podem integrar uma reflexão acerca da história local, os quais pertenceram a sociedades que preexistiram no Bioma Pampa, região de Santana do Livramento e Rivera.

Assim sendo, busca-se instrumentalizar os educandos, da Educação Básica, Ensino Fundamental para pensarem crítica e historicamente a região, no intuito de interpretar e compreender as sociedades pretéritas locais e sua historicidade.



## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A Educação Patrimonial, enquanto uma prática educativa, visa motivar os educandos a aprender, a ler a realidade, a educar o olhar sobre os bens materiais e imateriais para tornarem-se aptos a compreender diferentes temporalidades de forma relacional.

A metodologia da Educação Patrimonial, aplicada aos museus, busca a apropriação do conhecimento, a partir do estudo histórico e da leitura da exposição. Desta forma, o educando também pode compreender o ofício do historiador que, auxiliado por outras ciências busca entender a teia de relações que cada objeto da exposição pode conter. Assim, a partir da valorização e da preservação dos bens culturais, tangíveis e intangíveis, pode-se compreender a evolução ou estágio cultural humano e a história da humanidade.

A Educação Patrimonial é uma metodologia aplicada às mais diversas evidências materiais e imateriais, no estudo de um único objeto ou em um grupo de objetos, de bens culturais de diversas naturezas, como, por exemplo, um parque, um sítio arqueológico, os saberes e fazeres da cultura popular, bem como em uma manifestação cultural (HORTA, 1999).

Nesse sentido, esta metodologia pode ser articulada ao tema do estudo vinculado ao ensino de História para estudar as sociedades pré-coloniais na região de Santana do Livramento, RS e Rivera, Uruguai, por meio de um diálogo entre o ensino de história e a cultura material mediado pela Educação Patrimonial.

## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

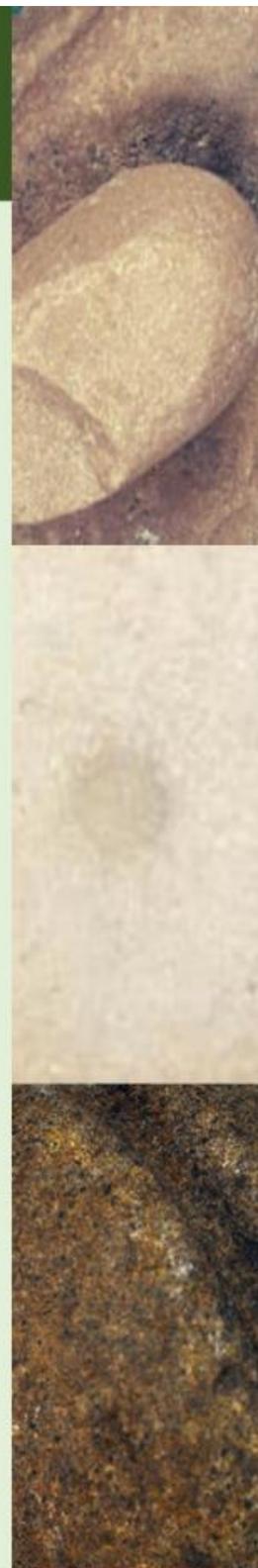
Para a realização das atividades do ensino de história, a partir da metodologia da Educação Patrimonial, sugere-se que o professor utilize as seguinte etapas, conforme (HORTA, 1999):

**Observação** – esta etapa consiste na identificação dos objetos de estudo através da apreensão e percepção, visual e simbólica, e os significados destes objetos.

**Registro** – nesta etapa propõem-se registrar os bens, objetos de estudo, a partir de suportes como: desenho, descrições verbal ou escrita, gráficos, fotografias, vídeos, maquetes e outras formas de registro. Nesta fase, o objetivo é estabelecer, delimitar o valor patrimonial dos bens culturais.

**Exploração** – esta etapa infere uma análise detalhada, interpretativa das evidências apresentadas pelo bem patrimonial. Nesta fase se problematiza o objeto de estudo, levantando hipóteses, discussões e pesquisas em outros lugares de memória e acervos.

**Apropriação do bem cultural** – última etapa da metodologia da Educação Patrimonial na qual se espera que os sujeitos envolvidos desenvolvam leituras críticas a partir dos bens, objetos culturais analisados por meio de narrativas, textos, vídeos, artes visuais, artes cênicas, fotografias, entre outros.



## O MUSEU E O ENSINO DE HISTÓRIA

Para a *Internacional Council of Museums* (ICOM) “o museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite” (ICOM, 2018). Esta definição reflete o patrimônio material e imaterial como fruto das discussões no campo da museologia, onde se enfatiza a ressignificação da história dos saberes humanos, sob o viés da memória, o que acaba por revelar informações sobre determinado contexto e/ou região.

No mundo contemporâneo a função do museu não pode limitar-se ao ato de recolher, restaurar e expor objetos que compreendem o seu acervo. Um novo olhar a partir da pesquisa, da divulgação, da socialização do conhecimento e da participação da sociedade tornam-se elementos determinantes das funções sociais dos museus. Na nova sociedade do século XXI, o museu passou a ser espaço de formação, de criatividade e de interface com a comunidade no qual esta inserido.

Nesse sentido a educação como patrimônio, por meio de objetos geradores do conhecimento, se torna uma possibilidade plausível para o início da alfabetização museológica em sala de aula:

## O MUSEU E O ENSINO DE HISTÓRIA

*[...] no museu, ou em outros espaços educativos, o professor ou o orientador faria uma pesquisa e escolheria objetos significativos para os alunos, ou participantes de um certo grupo, e a partir daí realizaria exercícios sobre a leitura do mundo através dos objetos (RAMOS, 2004, p. 32).*

Essa investigação dos objetos museais, com intuito de possibilitar intervenções pedagógicas voltadas para o Ensino Básico é um procedimento viável, desde que, orientado ou mediado por educadores, pois acredita-se que esta prática pedagógica possa promover a sensibilidade e a reflexão nos educandos. De forma simplificada, esta prática pode ser vista como uma forma de leitura do mundo, por meio de objetos, que tendem a revelar a cultura da sociedade e as relações estabelecidas (FREIRE, 2009, p. 21).

Dessa forma, a contextualização da cultura material lítica, cerâmica da materialidade de outro tempo, isto é, de artefatos líticos e cerâmicos do período pré-colonial, podem contribuir para a construção de narrativas acerca das sociedades pretéritas com vistas à novas interpretações.



## PLANEJAMENTO PARA VISITAR UM MUSEU NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

### ORGANIZAÇÃO DA VISITA AO MUSEU

Organizar uma visita a um museu implica um planejamento prévio. Os educador(a)s deve(m) conhecer antecipadamente o museu, a sua finalidade, o significado e a função dos objetos disponíveis na exposição e adequar a eles sua proposta de ensino e aprendizagem.

Outro fator importante é saber os horários de funcionamento do museu, o número de educandos que podem visitar, a acessibilidade, e a disponibilidade de acompanhante ou guias. Na escola o educador deve se preocupar, antes de tudo, organizar junto com a direção da escola a contratação de transporte, o horário de saída e chegada do ônibus, o dia da visita ao museu e a reorganização do horário das aulas na escola.

É importante que o educador tenha disponibilidade de acompanhar os educandos pessoalmente. É recomendável que o educador(a) aborde a Educação Patrimonial em sala de aula previamente apresentando aos alunos esta metodologia de ensino e pesquisa, seu significado e etapas; além disso o professor(a) deve disponibilizar aos educandos as fichas de identificação do objeto, as quais devem ser entregues em sala de aula para anotações dos dados solicitados, a partir da interação com os objetos indicados na visita ao museu. O educador deve dispor de tempo para sensibilização sobre a função e o significado dos objetos e para que os educandos possam visualizar e compreender a rede de significado dos mesmos.



## PLANEJAMENTO PARA VISITAR UM MUSEU NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL



### DURANTE A VISITAÇÃO AO MUSEU

Na visita os educandos devem ser orientados pelo professor de história e monitor do acervo do museu. Em seguida, alguns artefatos, previamente selecionados pelo educador, podem ser colocados à disposição numa sala separada para que os estudantes possam observar, analisar, fazer notações nas fichas de identificação do objeto que foram distribuídas em sala de aula e fotografar, a fim de possibilitar um olhar atento a cada objeto, motivar a discussão e a investigação de vários pontos dos objetos. No museu os educandos acompanhados pelo professor(a) do componente curricular de história devem ouvir atentamente explicações, narrativas do monitor/a.

## PLANEJAMENTO PARA VISITAR UM MUSEU NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

### ATIVIDADES APÓS A VISITA AO MUSEU

Após a visita ao museu é possível discutir as sociedades pretéritas a partir de alguns questionamentos, tais como:

*Como viviam os primeiros grupos que habitavam a região do estudo?*

*Que lugares ocupavam?*

*Quais as suas formas de subsistência?*

*Do que se alimentavam?*

*Como se relacionavam com o meio ambiente em que viviam?*

*Como caçavam?*

*Como pescavam?*

*Como eram seus objetos?*

*Quem utilizava o objeto?*

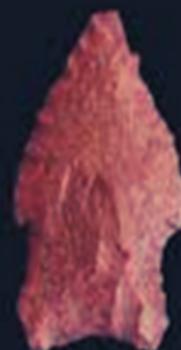
*Qual a utilidade do objeto?*

*Quem fabricava o objeto?*

*Como era fabricado o objeto?*

*De qual período histórico eram esses povos?*

*Quais eram as suas organizações políticas e religiosas?*



**APÊNDICE A - CADERNO DIDÁTICO DO PROFESSOR. p. 13/43.****FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO**

DESENHAR O TIPO DE OBJETO	DESCRIÇÃO DO OBJETO	DATA DO OBJETO	PERGUNTAS AO OBJETO

## ATIVIDADE EM SALA DE AULA

Após a visita ao museu, em sala de aula, o professor(a) deve orientar os alunos para, em grupo, analisar as fichas preenchidas na visita ao museu, rever o desenho dos objetos, anotações, feitas no museu, observar fotografias dos artefatos disponibilizadas pelo professor(a); sugere-se que os alunos produzam, em equipe, cartazes que evidenciem aspectos como:

- 1) Tecnologia e função de cada um desses objetos;
- 2) Semelhanças e contrastes entre as épocas em que esses objetos eram utilizados e a atualidade.
- 3) Diferentes sociedades antigas que produziram os objetos.

Após a produção dos cartazes os grupos podem apresentar à turma, socializando seu trabalho e posteriormente estes cartazes podem ser fixados no saguão ou outro espaço de uso comum da escola.

Indica-se realizar oficinas para a confecção de réplicas de artefatos líticos e cerâmicos, além disso podemos solicitar a produção textual de narrativas pelos educandos que possam evidenciar o seu pensamento histórico a partir das interações com os artefatos pré-coloniais.



## AS SOCIEDADES HUMANAS E A OCUPAÇÃO DO BIOMA

Estes grupos humanos eram caçadores coletores nômades os quais, segundo Kern (1991) dois destes grupos um de tradição Umbu e outro Humaitá se adaptaram ao meio ambiente, a partir do período do holoceno inicial. Segundo Silva (2017, p. 21), o grupo ligado a tradição Umbu, viviam em campo aberto estendendo-se pelo Uruguai e Argentina e o outro grupo ligado a tradição Humaitá eram caçadores coletores e viviam nas áreas de floresta subtropical, no planalto Rio-grandense. Como apontam Schmitz (2006), Kern (1981) e Ribeiro (1990), os artefatos manipulados por estas duas tradições seriam sua adaptação ao meio no qual viveram.

Ao abordar as sociedades pretéritas da região de fronteira Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai) necessitamos lembrar, como já mencionado, que as coletividades humanas no passado transitavam entre os atuais estado do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina e, nesse sentido, temos concepções diferentes acerca da divisão da pré-história e especificamente no Uruguai fronteira com Santana do Livramento, RS.

Conforme Bormida (1964), Taddei (1980, 1987), Hilbert (1991), as indústrias líticas no Uruguai podem ser divididas em duas tradições: uma relacionada aos caçadores superiores especializados com pontas de projétil e a outra de caçadores coletores não especializados sem pontas de projétil. Estas duas tradições estão baseadas na tipologia dos artefatos, ou seja, sua morfologia.

## AS SOCIEDADES HUMANAS E A OCUPAÇÃO DO BIOMA

Pensar as sociedades humanas pré-coloniais, as quais existiram na atual região da Campanha do estado do Rio Grande do Sul até a chegada dos povos ibéricos, no século XVI, nos remete a repensar a noção de território o qual, segundo o pensamento moderno, implica na idéia de fronteira, uma extensão de terra, águas e recursos naturais delimitados e na perspectiva de um estado, de soberania, de um povo e de um governo. Esta noção de território da época moderna está associada à história européia e a um modelo de sociedade civilizada.

Dessa forma este estudo dialoga com as sociedades humanas pretéritas, as quais não tinham limites políticos definidos como conhecemos; estes grupos sociais circulavam livremente pelos atuais países Brasil e Uruguai; ocupavam o atual Bioma Pampa, região do sudoeste do estado do Rio Grande do Sul e noroeste do Uruguai.

Os ecossistemas da Região sul são ocupados segundo Kern (1991) acerca de 10000 AP (antes do presente). O período de ocupação pelos grupos humanos teria ocorrido na região sul no período de transição do Pleistoceno para o Holoceno, portanto, já havia um tempo no mínimo razoável em que este espaço vinha sendo produzido antes da chegada dos povos europeus.

Os grupos sociais eram pequenos e havia pouca divisão do trabalho. Tratava-se, conforme Queiroz (1978), de uma sociedade com relações sociais muito próximas, baseada na afetividade e na qual cada pequeno grupo ou cada família cuidava de sua subsistência e formava uma unidade independente.

## CAÇADORES COLETORES NÃO ESPECIALIZADOS

Nas nascentes do arroio Catalan Chico (Departamento de Artigas), noroeste do Uruguai, conforme Silva (2016, p. 30), nos anos 1950, do século XX, foi identificada pelo pesquisador Antonio Taddei a indústria Catalanense, numa área de aproximadamente 28 km<sup>2</sup>, foram localizados cerca de 20 sítios arqueológicos. Todos os sítios conhecidos do Catalanense eram de superfície e contavam com uma enorme quantidade de artefatos líticos.

Segundo Hilbert (1994, p. 141), a indústria Catalanense está dividida em duas fases distintas: uma mais antiga e outra mais recente. A primeira se caracteriza pelas lascas grandes, elaboração de raspadores e outra fase mais recente, a segunda fase parece haver pequena produção de bifaciais.

O Catalanense mais antigo é datado por Bormida (1964) através dos terraços pluviais e das oscilações estáticas, em 9.000 A.P., datando-se a fase mais recente, aproximadamente, em 7.000 A.P.

*Raspador  
possivelmente usado  
para curtir ou raspar  
o couro da carne de  
caça.*



**Fonte:**  
Museu do Patrimônio  
Regional de Rivera

## CAÇADORES COLETORES ESPECIALIZADOS

Os caçadores coletores superiores ou especializados se caracterizam conforme Taddei (1987), por apresentarem pontas de projétil, ao contrário dos caçadores coletores não especializados os quais não produziam, conforme o autor supracitado, pontas de projétil. Acredita-se que estes grupos humanos teriam uma relativa estabilidade, sobre terraços de rios e arroios, mas fora da ação das cheias, em áreas com grande oferta de recursos econômicos, como água, madeira, caça, pesca e coleta.

Os assentamentos desses grupos de caçadores coletores superiores se situam, principalmente, ao longo do rio negro no Uruguai e, conforme Hilbert (1991), as datas para a ocupação humana nesta região oscila entre 9600 a 10400 AP. segundo Hilbert (1991), estes grupos de caçadores coletores estão associados a tradição Umbu, no sul do Brasil. A cultura material desses sítios esta constituída por lascas, resíduos de lascamento, bem como núcleos produtos da manufatura de pontas de projétil, tipologia rabo de peixe, encontrada na região do Rio Negro, bolas de boleadeiras, lenticulares, cerâmica, entre outros.

*Bolas de boleadeira  
polidas usadas para  
caça.*



*Rompe cabeças  
usado para caça.*



**Fonte:**  
**Museu do Patrimonio**  
**Regional de Rivera**

## CAÇADORES COLETORES ESPECIALIZADOS

Nesse sentido pode-se pensar a região norte do Uruguai e a ocupação humana pré-colonial, como anota Palermo (1999) que descreve a formação de cerritos na região de Vichadero, costas do Rio Negro departamento de Rivera, Uruguai, Conforme diz Garcia (2017,p.21):

*Os Cerritos são estruturas arqueológicas monticulares constituídas predominantemente por terra, acrescidos por vestígios líticos, cerâmicos e arqueofaunísticos, onde ainda podem ser encontrados enterramentos humanos e estruturas de fogueiras. Tais estruturas arqueológicas alcançam uma temporalidade máxima entre 5458 e 4977 BP3 em Rocha no Uruguai, onde Cerritos atingem dimensões de até 100 metros de diâmetro por 7 metros de altura.*



*Almofariz e pilão usado para triturar alimentos como sementes, cereais.*

**Fonte:**  
**Museu do Patrimônio**  
**Regional de Rivera**

## CAÇADORES COLETORES DA TRADIÇÃO UMBU E HUMAITÁ NO RS

As diversas sociedades pretéritas segundo Melchiades (2017) são difíceis de ser entendidas como um todo, bem como imaginar os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul como parte de um mesmo grande grupo organizado. Conforme Soares & Klamt (2005 p.24): “Para estudar esses grupos, arqueólogos e antropólogos os agruparam por caracteres culturais, a partir dos hábitos, dos instrumentos e das técnicas de produção”. Assim, surgem algumas classificações para “organizar” os grupos indígenas.

Sendo assim pode-se analisar conforme Luana (2017), a partir das pesquisas do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas). Segundo Souza (1991, apud Milheira 2002, p.91),

*O PRONAPA é considerado um marco na Arqueologia brasileira, pois propôs uma padronização metodológica através de comparações baseadas em generalizações e invariáveis sobre as culturas pré-históricas, uniformizando as técnicas e métodos de pesquisa no Brasil.*

E, posteriormente no PROPA (Programa paleoíndio) projetos de pesquisa através dos quais estruturou-se o período pré-colonial ou pré-histórico do RS. Através do PRONAPA surgiu categorias criadas em função das concepções de “Tradição” e “Fase”, a partir das diretrizes de influência norte-americana, sistematizada por Willey e Phillips. Hoeltz (2005), aponta que estes conceitos de fase e tradição não descrevem etnia, povo, nem mesmo culturas, como ressalta também Gomes (2002). Schmitz e Becker (1991, apud Soares e Klamt, 2005 p.24) que definem Tradição Arqueológica e Fase como:

## CAÇADORES COLETORES DA TRADIÇÃO UMBU E HUMAITÁ NO RS

**Tradição:** é definido como grupo de elementos ou técnicas, com persistência temporal. É importante salientar que tradições são hábitos de manufatura de artefatos, não de culturas. **Fase:** conjunto de materiais com características semelhantes (cerâmica, artefatos de pedra ou osso) e que mantêm as características isoladas como diagnósticas, dentro de um espaço e tempo reduzidos.

Ainda, de acordo com Willey e Phillips (1958, p. 37 *apud* Dias, 2003), uma tradição arqueológica é uma continuidade temporal representada por configurações persistentes em tecnologias únicas ou outros sistemas de formas relacionadas. Assim, uma tradição pressupõe uma ou várias unidades arqueológicas relacionadas entre si que são persistentes no tempo e se transpõem por meio do convívio social. Como afirma Hoeltz (1997, p.17):

*[...] o termo tradição foi empregado para caracterizar dois grandes grupos de caçadores-coletores que habitaram tanto o pampa do Rio Grande do Sul quanto o planalto sul-brasileiro, denominados Umbu e Humaitá, respectivamente. Como ambos os grupos pré-cerâmicos tiveram não só uma grande dispersão espacial mas também um longo período de duração, indicada por datações de radiocarbono (C14), inúmeras fases foram definidas nas pesquisas desenvolvidas em áreas de ocupação destes caçadores-coletores.*

A tradição Umbu segundo Melchiades(2017) a classificação é baseada nos instrumentos de pedra (líticos) que esse grupo social produzia. A principal característica da tradição Umbu é a presença de uma indústria lítica com lascas retocadas e pontas de projéteis (Prous, 1992, p. 149). Eles viviam em bandos pouco numerosos e ocupavam sobretudo a região dos campos (Soares e Klamt, 2005, p.35).

## CAÇADORES COLETORES DA TRADIÇÃO UMBU E HUMAITÁ NO RS

Sua indústria lítica é diferente não apenas pela presença de pontas de projétil, mas também na escolha de suas matérias primas, de rochas mais frágeis e que necessitam de retoques e trabalhos mais finos.

Conforme Ribeiro (1990) a área de dispersão destes grupos de caçadores coletores da tradição Umbu vai do norte até o nordeste do Estado do Paraná e República do Paraguai; a oeste, vai até a Argentina (especificamente em Corrientes, Entre Rios e Misiones) e, a leste, apenas o oceano; ao sul, até o estreito de Magalhães. Conforme aponta Lemes (2008), estes grupos estabeleceram-se em várias regiões, mas, principalmente, nas planícies do sudoeste e na encosta do planalto. A tradição Umbu ocupava áreas com vegetação não muito fechadas, costeando as florestas e a zona do pampa gaúcho, bem como as florestas tropicais com ou sem araucárias. Ocuparam muito pouco a mata fechada e o litoral, ambas regiões, segundo Schmitz (1984), ocupadas pela tradição Humaitá e pelos construtores de Sambaqui.

Este grupo de caçadores coletores confeccionavam seus instrumentos com rochas, ossos e conchas. Segundo Schmitz (1984), eram produzidos, sobre o material ósseo, furadores, pontas duplas, anzóis, retocadores, raspadores e, sobre a concha, eram produzidos contas perfuradas. Segundo Lemes (2008) para produção de instrumentos líticos, a matéria prima é variada, pois estes grupos humanos faziam uso do sílex, da calcedônia, do arenito silicificado, do basalto e do quartzo; a técnica de lascamento é a percussão direta que predominava.

## CAÇADORES COLETORES DA TRADIÇÃO UMBU E HUMAITÁ NO RS

*Quebra coco usado  
para quebrar frutos,  
sementes duras*



**Fonte:**  
**Museu do Patrimônio**  
**Regional de Rivera**

Como aponta Ribeiro (1991), os artefatos líticos típicos são as pontas de projétil, lascas, lâminas, facas, raspadores, furadores, bifaces e percutores; aparecem também as lesmas, buris, mós, machados polidos e boleadeiras. Ribeiro (1991) acredita que os raspadores (plano-convexos) serviriam para raspar a carne do couro, as escamas dos peixes e também a madeira. Ainda, Ribeiro (1991) diz que facas e os furadores poderiam ser utilizados para furar o couro usado nas vestimentas, cortar a carne, peles, couro e madeiras. Os bifaces serviam para retalhar os animais e as lascas estariam relacionadas as funções de cortar, raspar e furar.

A tradição Humaitá, assim como a tradição Umbu, se distinguem nos artefatos líticos. Seus instrumentos, ao contrário da suavidade e precisão dos artefatos líticos atribuídos à tradição Umbu, são maciços, geralmente maiores e atrelados a blocos ou seixos de rochas mais duras, como o basalto e são de pequeno número nos sítios. (Prous 1992, p.136-138). Costumavam habitar ambientes de floresta subtropical e matas de Araucária (Soares e locais onde a extração, uso e manipulação da madeira seriam corriqueiros, principalmente devido a abundância do material.

## CAÇADORES COLETORES DA TRADIÇÃO UMBU E HUMAITÁ NO RS

Schmitz (2006) diz que:

*Os artefatos costumam ser bem maiores que os da tradição Umbu e bem diferentes, destacando-se especialmente a ausência de pontas de dardos ou flechas em pedra, as quais são os artefatos mais característicos daquela tradição. Provavelmente na tradição Humaitá seriam feitas de madeira (Schmitz, 2006, p. 19).*

Outra tradição a qual deve-se mencionar é a tradição Vieira, esta têm um ponto em comum e inconfundível: o Cerrito, já mencionados anteriormente nessa pesquisa, segundo Prous (1992 p.293) “Os “cerritos” ou cômoros”, são sítios construídos, montículos cujo sedimento, diferentemente dos sambaquis, é de origem essencialmente mineral”. Diferentemente dos portadores das Tradições Umbu ou Humaitá, os quais a classificação é feita a partir da indústria lítica, a tradição Vieira é a produção de cerâmica, ainda que pouco numerosa conforme Prous(1992), vasilhames com formas simples.

Ainda temos a tradição Guarani a qual circulou na região deste estudo, esta tradição advinda, segundo Melchiades (2017), da tradição cerâmica Tupiguarani, formada por grupos que saíram da Amazônia central e se espalham pelo território Brasileiro, ramificando-se e, quando chegam ao Rio Grande do Sul, retornam ao longo do litoral atlântico até a desembocadura do rio Amazonas. Ainda, segundo Melchiades (2017) a cerâmica que identifica essa tradição é variada e abundante, e de tamanhos muito variados, sendo desde pequenos potes até urnas funerárias.

## CAÇADORES COLETORES DA TRADIÇÃO UMBU E HUMAITÁ NO RS

Segundo Schmitz (2006 p.36), os Guarani viviam “em terras geralmente mais frias, cultivavam o milho, o aipim( feijão, a batata doce, as abóboras, para cujo preparo necessitam outras formas de artefatos cerâmicos”. Como anota Melchiades (2017) os sítios Guarani se espalham pelo Rio Grande do Sul devido a sua constante migração, e contêm alguns elementos de outras tradições, uma vez que a interação/assimilação/contato com outros grupos indígenas era constante.

Os Guaranis tiveram contato com os povos ibéricos na sua chegada, pois segundo Soares e Klamt (2005 p.50), “A língua dos Guarani atuais é a mesma que foi falada para os jesuítas do século XVII, e os objetos descritos pelos padres desta época são os mesmos que encontramos em escavações arqueológicas”.

A tradição Umbu, conforme Becker (2006), deu início a formação de dois grupos étnicos os quais quando os colonizadores ibéricos aportaram no atual Uruguai e estabeleceram os primeiros contatos, a partir do século XVI, já viviam nessa região e ficaram conhecidos como charruas e minuanos.

*Fragmento de cerâmica com  
decoreção unguilada.*



**Fonte:**  
Museu do Patrimônio  
Regional de Rivera

## CAÇADORES COLETORES DA TRADIÇÃO UMBU E HUMAITÁ NO RS

Dentre essas coletividades humanas que circulavam pela atual região da fronteira Brasil e Uruguai, evidenciamos o grupo étnico Charrua o qual é descendente da tradição Umbu, como mencionado anteriormente, grupos humanos anteriores a estes grupos que habitaram a atual região do Pampa, no sudoeste gaúcho, norte do Uruguai e partes da Argentina. Como aponta Ribeiro (1997), eram povos distintos do grupo étnico minuano, embora fossem descritos como o mesmo grupo, como aponta Favre (1994), eram percebidos como constituindo um único grupo. Segundo Becker (2006, p. 135):

Os Charruas e Minuanos, caçadores, pescadores, coletores dos campos, ocupavam a antiga Banda Oriental do Uruguai, que dividiam com dois grupos horticultores conhecidos como Chaná e Guarani. Especificamente no Rio Grande do Sul os Charruas e Minuanos estavam localizados nos campos do Sudoeste e Sudeste até a altura dos rios Ibicuí e Camaquã com extensões para o pampa uruguaio e pequena porção do território argentino. Os Charruas moravam mais para o oeste, ocupando ambas as margens do Rio Uruguai e tiveram maior contato com o conquistador espanhol; os Minuanos se localizavam mais para leste, nas áreas irrigadas pelas lagoas dos Patos, Mirim e Mangueira, com extensão até as proximidades de Montevideú; tiveram maior contato com os portugueses.

Um dos motivos desta percepção histórica acerca dos charruas e dos minuanos como um único grupo social pode-se dizer surgiu no século XVIII, no início da expansão sobre o território índio pelas coroas portuguesa e espanhola, esta penetração das coroas sobre os territórios indígenas, diríamos forçou estes a se aproximarem e aos colonizadores, deste modo, os viram somente como um único grupo indígena.

## CAÇADORES COLETORES DA TRADIÇÃO UMBU E HUMAITÁ NO RS

Dentre essas coletividades humanas que circulavam pela atual região da fronteira Brasil e Uruguai, evidenciamos o grupo étnico Charrua o qual é descendente da tradição Umbu, como mencionado anteriormente, grupos humanos anteriores a estes grupos que habitaram a atual região do Pampa, no sudoeste gaúcho, norte do Uruguai e partes da Argentina. Como aponta Ribeiro (1997), eram povos distintos do grupo étnico Minuano, embora fossem descritos como o mesmo grupo, como aponta Favre (1994), eram percebidos como constituindo um único grupo. Segundo Becker (2006, p. 135):

*Os Charruas e Minuanos, caçadores, pescadores, coletores dos campos, ocupavam a antiga Banda Oriental do Uruguai, que dividiam com dois grupos horticultores conhecidos como Chaná e Guarani. Especificamente no Rio Grande do Sul os Charruas e Minuanos estavam localizados nos campos do Sudoeste e Sudeste até a altura dos rios Ibicuí e Camaquã com extensões para o pampa uruguaio e pequena porção do território argentino. Os Charruas moravam mais para o oeste, ocupando ambas as margens do Rio Uruguai e tiveram maior contato com o conquistador espanhol; os Minuanos se localizavam mais para leste, nas áreas irrigadas pelas lagoas dos Patos, Mirim e Mangueira, com extensão até as proximidades de Montevideu; tiveram maior contato com os portugueses.*

Um dos motivos desta percepção histórica acerca dos Charruas e dos Minuanos como um único grupo social, pode-se dizer, surgiu no século XVIII, no início da expansão sobre o território indígena pelas coroas portuguesa e espanhola, esta penetração das coroas sobre os territórios, diríamos, forçou estes a se aproximarem e aos colonizadores,

## CAÇADORES COLETORES DA TRADIÇÃO UMBU E HUMAITÁ NO RS

deste modo, os viram somente como um único grupo indígena.

Estes grupos humanos, segundo Garcia e Milder (2012), se localizavam a princípio em territórios distintos; os Charruas a oeste do rio Uruguai, junto às margens deste rio, enquanto que os Minuanos a leste, estendendo-se até as planícies do litoral do Atlântico Sul. Posteriormente, como mencionado acima, devido a interiorização dos colonizadores em direção às terras indígenas houve uma aproximação.

Com o advento da colonização ibérica no século XVI, tanto os Charruas como os Minuanos, ambos caçadores coletores e pescadores, a partir do contato com os colonizadores, incorporam novos elementos, como, por exemplo, a lida com o cavalo, com o gado bovino, indumentárias, entre outros. Acredita-se que o cavalo e o gado bovino foram introduzidos nesta região pela expedição de Solis, quando este circulou em terras do atual Uruguai em 1536, assim, estes dois novos elementos se tornaram o meio de transporte e consumo destes povos. Segundo Becker (2006), os Charruas passaram a utilizar o cavalo nos deslocamentos, na caça, guerra e se tornaram pequenos criadores de gado o qual utilizavam o couro e a carne para sua subsistência.



## ATIVIDADES

### 1. CAÇA PALAVRAS

Encontre as palavras da relação abaixo que estão ocultas na grade. As palavras podem estar escondidas verticalmente ou horizontalmente e podem ser lidas da esquerda para direita, da direita para esquerda, de baixo para cima ou de cima para baixo. Divirta-se!

MUSEU	B	I	U	H	P	M	G	L	H	B
ARTEFATOS	I	O	B	I	O	M	A	K	Ç	O
LÍTICO	B	F	L	S	V	B	R	Z	X	L
CERÂMICA	V	S	Í	T	F	I	T	A	B	E
TRADIÇÃO	O	A	T	Ó	D	L	E	Y	A	A
UMBU	Ã	T	I	R	L	J	U	I	C	D
BIOMA	Ç	V	C	I	U	M	A	M	I	E
CHARRUAS	I	Q	O	A	E	P	T	I	M	I
BOLEADEIRAS	D	Ç	Q	A	N	Z	O	O	A	R
MINUANOS	A	Í	E	D	L	U	S	Y	R	A
HISTÓRIA	R	Z	T	F	O	B	L	J	E	S
	T	C	D	C	N	M	L	F	C	A
	N	M	U	S	E	U	U	A	B	Ó
	C	I	S	O	N	A	U	N	I	M
	X	J	K	N	D	S	E	P	O	W

## ATIVIDADES

### 2. CRUZADINHAS

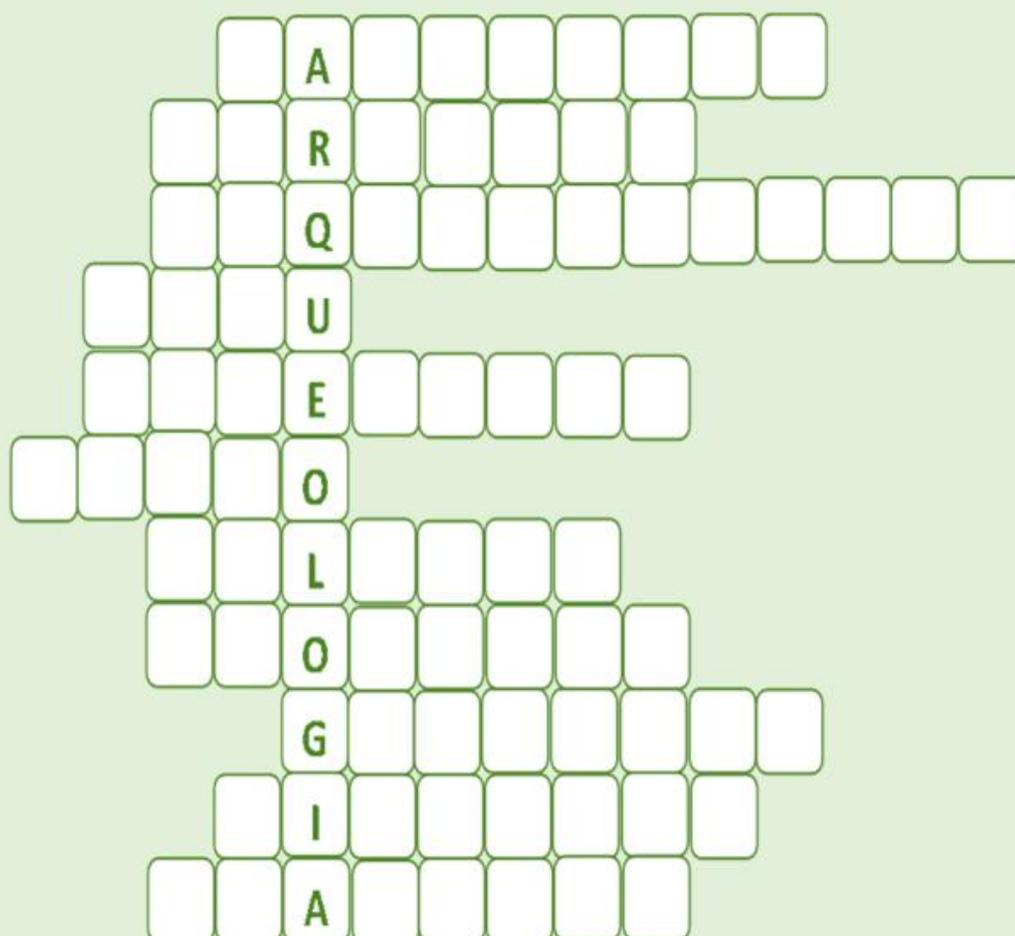
No município de Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, um dos primeiros grupos humanos que viveram nessa região na pré-história foram indígenas de tradição **Umbu**, os quais eram **caçadores e coletores** nômades, ou seja, não tinham um lugar fixo para viver. Eles fabricavam seus artefatos de rocha como arenito silicificado, eram artefatos **polidos** como: pontas de **projétil**, boleadeiras, rompe cabeças, **pilão** entre outros tipo de objetos que estão guardados em acervos **arqueológicos**, como os existentes em diversos museus.

Estes grupos indígenas do passado construíram **cerritos**, que tratam-se de elevações de terra nas quais viviam e deixaram marcas de sua passagem, como vestígios da sua cultura material. Posteriormente, esse grupo de tradição Umbu deu origem aos índios **Charruas** e **Minuanos**; os Charruas habitaram a região de Sant'Ana do Livramento na época que chegaram os colonizadores ibéricos. Além desses grupos indígenas viveram nesta região os **Guaranis** que também produziram artefatos em cerâmica.

## APÊNDICE A - CADERNO DIDÁTICO DO PROFESSOR. p. 31/43.

## ATIVIDADES

Baseado no texto anterior, considerando as palavras em destaque (**negrito**), complete a cruzadinha! Lembre-se que as palavras estão em ordem aleatória!



## ATIVIDADES

### 3. OFICINA PARA CONFECCÃO DE RÉPLICAS DE ARTEFATOS LÍTICOS

#### Materiais necessários

- Massa de *biscuit* industrial
- Espátula
- Um recipiente com água: copo plástico descartável ou creme hidratante sem silicone
- Tinta para tecido
- Rolinho de abrir massa
- Cortadores.

O *biscuit* é um dos materiais mais usados na confecção de artesanatos, pois é de fácil modelagem e secagem rápida; esta massa existe pronta industrial e a caeira, ambas feitas a partir de da mistura de amido de milho, cola branca para porcelana fria e produtos como: limão ou vinagre e vaselina. Este tipo de massa também é conhecida como porcelana fria, pois não precisa ser cozida em forno e seca em contato com o ar.

## ATIVIDADES

### MODELAGEM:

Retire da embalagem a quantidade necessária de massa para moldagem, utilizando os cortadores, rolinhos de abrir e molde a peça propriamente dita conforme o modelo do artefato lítico original ou através do artefato representado em fotografia, utilize água ou o creme hidratante para alisar a peça durante a modelagem, tanto a água, como o creme devem ser usados com parcimônia para manter a textura firme.

Caso seja necessário interromper a modelagem das peças elas devem ser protegidas do ar para evitar a secagem rápida, recomenda-se envolver em plástico filme ou até mesmo sacos plásticos comuns.

Para tornar os artefatos confeccionados mais figurativos, pode-se pintá-los e, nesse caso, a tinta para tecidos é a mais adequada.



## ATIVIDADES

### 4. VOCÊ SABIA?

**Você sabia que:** pilão, cuia de mate (chimarrão), cesto e a peneira que ainda podemos usar tem um vínculo tecnológico na pré-história. Esses objetos são versões, releituras contemporâneas dos objetos indígenas feitos em madeira, pedra de épocas pretéritas.

Vamos viajar no tempo e conhecer mais sobre estes objetos indígenas. Então escolha um dos objetos que o professor trouxer para sala de aula e descreva o objeto através de uma *ficha de identificação do objeto*.

Vamos saber quem produziu estes objetos?

Como eram feitos?

Quais eram os usos no passado?

Com a orientação de seu professor(a) pesquise sobre o objeto escolhido e faça comparações acerca do uso e significado destes objetos culturais em cada sociedade em diferentes épocas históricas.

## ATIVIDADES

### 5. VOCÊ SABIA?

**Você sabia que:** vasos, panelas, tigelas que ainda utilizamos são objetos com um vínculo tecnológico na pré-história. Esses objetos são versões, releituras contemporâneas dos objetos indígenas em cerâmica de épocas pretéritas.

Vamos pesquisar e conhecer mais sobre os artefatos indígenas pré-coloniais descrevendo as técnicas de modelagem rolete e a técnica de decoração corrugada e ungulada.

Com a orientação de seu professor(a) vamos aprender a confeccionar réplicas de vasos, panelas e tigelas em argila, utilizando as técnicas de modelagem e decoração pesquisadas.

## ATIVIDADES

### 6. VOCÊ SABIA?

**Você sabia que:** o milho, a mandioca, utilizados na culinária indígena foram incorporados na alimentação dos povos não indígenas atuais. Além disso, saberes e fazeres foram assimilados pelos gaúchos, como: o fogo de chão, o espeto de pau, o milho assado, a farinha de mandioca, entre outros.

Vamos pesquisar e conhecer mais sobre o tipo de alimentação dos povos indígenas de épocas pretéritas.

Com a orientação de seu professor(a) vamos realizar uma oficina experimental de culinária indígena para aprender e conhecer a preparação de alimentos como o milho e a mandioca.

## ATIVIDADES

### 7. VOCÊ SABIA?

**Você sabia que:** os cerritos eram construções feitas pelos povos indígenas que viveram no passado.

Vamos pesquisar e conhecer mais sobre os cerritos indígenas descrevendo sua localização, utilização e formato.

Com a orientação de seu professor(a) vamos fazer uma maquete representando os cerritos indígenas e o espaço físico ocupado pelos indígenas.

## ATIVIDADES

### 7. VOCÊ SABIA?

**Você sabia que:** a arte rupestre é o nome que damos às pinturas e gravuras em abrigos e paredões rochosos e que foram realizadas pelos grupos humanos pré-históricos ou pré-coloniais a partir de 30 mil anos antes do presente;

Vamos pesquisar e conhecer mais sobre a arte rupestre investigando sua origem, significado, os pigmentos utilizados para os registros feitos pelos grupos humanos pré-históricos.

Com a orientação de seu professor(a) vamos produzir registros simulando a arte rupestre utilizando o papel pardo como suporte e tintas artificiais e/ou podemos produzir pigmentos através da argila, carvão, legumes, frutas de coloração forte, casca de árvore, no sentido de representar no papel simulando a rocha, a caverna, em uma releitura do nosso cotidiano, cenas ou objetos do nosso dia a dia.

## ATIVIDADES

### 8. VOCÊ SABIA?

**Você sabia que:** a pintura corporal é utilizada nas sociedades indígenas. Os índios utilizaram a pintura corporal como meio de expressão ligados aos diversos manifestos culturais de sua sociedade.

Vamos pesquisar e conhecer mais sobre a pintura corporal indígena e com a orientação do professor(a) aprender a fazer as tintas básicas utilizadas pelos povos indígenas para a pintura corporal.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Itala Irene Basile. O que sobrou dos índios pré- históricos do Rio Grande do Sul. P .125-147. In: SCHMITZ, Pedro Ignacio. NAUE, Guilherme. Itala, Irene Basile. Pré-história do Rio Grande do Sul. Instituto Anchieta de Pesquisas-UNISINOS São Leopoldo, RS, Brasil. 2006.

BÓRMIDA, Marcelo. **El Cuareimense: Una antigua industria lítica en el norte del Uruguay.** Publicaciones del Seminario de Estudios Americanos. Homenaje a Marques Miranda. Madrid, 1964.

FAVRE, Oscar Padrón. Sangre indígena en el Uruguay. 3 ed. Durazno: Libros del autor, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 50ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GARCIA. A. M. **Reconhecendo Diferentes Fenômenos de Cerritos no Rio Grande do Sul.** 2017. 237 p. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2017.

HILBERT, Klaus. Arqueologia pré-histórica do Uruguai: Uma revisão. Estudos Ibero- Americanos, vol. XX, n.1, Porto Alegre: PUCRS, 1994.

HILBERT, Klaus. **Aspectos de la arqueologia en el Uruguay.** Mainzam Rhein: Von Zabern, 1991.

**APÊNDICE A - CADERNO DIDÁTICO DO PROFESSOR. p. 41/43.****REFERÊNCIAS**

HILBERT, Klaus. **Aspectos de la arqueologia en el Uruguay.** Mainzam Rhein: Von Zabern, 1991.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO Adriane Queiroz. Guia básico da Educação Patrimonial. Museu Imperial/Deprom - Iphan – MINC. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia\\_educacao\\_patrimonial.pdf.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf). Acesso em 17 fev. 2020.

HOELTZ, Sirlei Elaine. Tecnologia lítica: uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias do Rio Grande Do Sul, Brasil, em tempos remotos. Porto Alegre: PUC/RS, 2005.

Kern, Arno. **Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

MELCHIADES, C. E. F. **MAPEAMENTO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO RIO GRANDE DO SUL: UM PONTO, UMA LINHA E UM HORIZONTE.** 2017. 137 p. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2017.

MILHEIRA, Rafael Guedes. **Arqueohistoriografia e identidade no contexto das pesquisas arqueológicas em Sambaquis.** Revista Virtual Ângulo. Disponível em: <http://www.cph.ipt.pt/cph/angu>. Acesso em 14 de maio 2020..

MILDER S. E. S. **Arqueologia do Sudoeste do Rio Grande do Sul.** Tese de Doutorado apresentado a USP – MAE. 2000.

## REFERÊNCIAS

PALERMO, Eduardo. **Banda Norte: una historia de la frontera oriental**. Montevideu: Ed. Yatay, 2001.

QUEIROZ, M. I. P. **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos e São Paulo: EDUSP, 1978.

RAMOS, Francisco. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

RIBEIRO, A. A tradição Umbu no sul do Brasil. In: **Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, 5, Anais. Santa Cruz, v. 17. n. 20, p. 129-156. 1990.

SCHMITZ, Pedro Ignacio. O Mundo da caça, da pesca e da coleta. In: **Pré-história do Rio Grande do Sul. Documentos 05**. 2ª Edição, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006.

SILVA, B. G. **Os sistemas de debitage e a produção de suportes predeterminados no sitio pré-histórico areal**. 2017. 196p. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pelotas. 2017.

SOARES, André Luis Ramos; KLAMT, Sergio Celio. **Antecedentes Indígenas**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2005.

TADDEI, Antonio. **Alguns aspectos de la arqueología prehistorica del Uruguay**. Estudios Atacameños, 1987.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. **Turismo e museus**. São Paulo: Aleph, 2006.

**APÊNDICE A - CADERNO DIDÁTICO DO PROFESSOR. p. 43/43.**

